

# Agostinho e a Literatura Portuguesa

*Helena Maria Briosa e Mota\**

A partir dos 17 anos, Agostinho da Silva colabora na imprensa com poesia, contos e ensaios. Durante os tempos de estudante na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde preside a Associação de Estudantes (com 19 anos) e dirige o seu jornal, *O Porto Académico* (1926), imprime um carácter desassombrado e polemizante nos textos que assina, o que desde cedo constituirá marca de autor em toda a sua produção.

Pensador livre, Agostinho participa na vida cultural da Cidade Invicta, não se inibindo de assumir posições que, na época, foram apenas toleradas por se tratar de irreverência própria de jovem universitário.<sup>1</sup>

A primeira fase da sua vida, digamos até 1930, fica marcada por claras influências neoclassicistas. Um ano após o *terminus* da licenciatura<sup>2</sup> com 20 valores doutora-se na mesma Faculdade de Letras, com nota igual, defendendo a tese *Sentido Histórico das Civilizações Clássicas*,<sup>3</sup> onde refuta as opiniões de Oswald Spengler expressas em *Der Untergang des Abendlandes – A Decadência do Ocidente*.<sup>4</sup>

Colaborador activo da *Seara Nova* desde 1932, reúne em *Glossas*<sup>5</sup> a sua participação pautada pela discussão crítica sobre a sociedade, permeada por reflexões sobre o cristianismo.<sup>6</sup> Surge ainda nesse ano *Conversação com Diotima*, um diálogo segundo o modelo platónico,<sup>7</sup> em que O Estrangeiro (Agostinho) e Diotima conversam sobre a verdade, o bem, a felicidade, o sentido (ético) da vida, deixando perpassar, do discurso, as opiniões defendidas e as posturas de coerência assumidas pelo autor que, aqui, já se desdobra em mais um heterónimo.<sup>8</sup>

---

\* *Helena Maria Briosa e Mota* é professora e mestre em Educação. Dedicou-se à investigação da obra pedagógica de Agostinho da Silva, objecto da sua tese de doutoramento, em curso. É responsável pela selecção, anotação e estudos introdutórios dos volumes *Textos Pedagógicos I e II* e *Biografias I, II e III* integrados nas *Obras de Agostinho da Silva* (Lisboa, Âncora Editora e Círculo de Leitores, 1999-2003). Colabora no levantamento de espólio de Agostinho da Silva, tendo a seu cargo o processo da PIDE/DGS. Tem estudos publicados em jornais e revistas. É co-autora de *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do Professor Agostinho da Silva*, Lisboa: Hugin, 1996.

Por se recusar a assinar um atestado de compromisso ideológico (a «Lei Cabral»,<sup>9</sup> na altura de assinatura obrigatória por todos os funcionários públicos) ou, nas palavras do próprio, por se “recusar a abdicar de direitos cívicos ante o governo ditatorial,”<sup>10</sup> é demitido do ensino público em 1935.

Depois de ter sido bolseiro do *Centro de Estudios Historicos* em Madrid, onde desenvolve trabalhos sobre a mística espanhola durante o ano de 1936,<sup>11</sup> Agostinho regressa ao país. Irradiado que está da função pública, empreende uma obra de divulgação cultural que se caracteriza pela verdadeira “democratização da cultura.”<sup>12</sup> A par da docência em estabelecimentos de ensino particular, da direcção do «Núcleo Pedagógico Antero de Quental»,<sup>13</sup> da fundação e da coordenação de escolas experimentais, publica até 1944 cerca de 180 *Cadernos* intitulados «de Divulgação Cultural» e Biografias.

### 1. Os *Cadernos* e a divulgação cultural

Em Portugal vive-se, nessa época, a fase expansionista do Salazarismo. É a altura em que, após o 28 de maio de 1926, o *Estado Novo* é imposto, com a crescente restrição de liberdades pessoais e políticas, censura prévia instituída e uma polícia política já actuante.

Desde o advento da 1ª República, e agora com o início da ditadura, verificou-se a tentativa de sufocar muitas das referências doutrinárias ou ideários da intelectualidade mais progressista personificada em António Sérgio ou Jaime Cortesão, apenas para mencionar dois dos nomes que Agostinho identificou como tendo exercido influência capital no seu desenvolvimento como pessoa.

A escola como instância difusora do saber é de difícil acesso à maioria das famílias, o que tem claras repercussões nos índices de desenvolvimento do país, que se encerra nas muralhas das suas fronteiras, cego e surdo às influências e ao progresso sócio-cultural que se vivia no exterior. De instância libertadora que devia ser, a escola reduz-se ao molde, à forma de onde sairão, no fim do ciclo educativo, cidadãos resignados e conformados.

Um «Parecer» da Câmara Corporativa publicado na altura<sup>14</sup> aponta claramente a necessidade de se investir na formação dos jovens. Os movimentos da *Renascença Portuguesa*<sup>15</sup> e da *Seara Nova*<sup>16</sup> já apostavam nessa área.

Impossibilitado de leccionar na Faculdade de Letras do Porto – onde, naturalmente, ingressaria como professor, não fosse o seu encerramento –, recém-licenciado e doutorado em prazo recorde, Agostinho da Silva ingressa na docência do ensino secundário. Depois de irradiado do ensino público e

ao ser também proibido de leccionar no ensino privado, mas necessitando de trabalhar para viver e alimentar a família já constituída, recebe apoio do seu discípulo Eduardo Salgueiro, que lhe abre as portas da “Editorial Inquérito”. A partir daí, escreve febrilmente para jornais e revistas, toma partido, critica, desafia, envolve-se em polémicas na imprensa diária, suscita amores e ódios tanto na Academia,<sup>17</sup> como no seio do poder político e até no religioso.

Inflamado pelo projecto de reconstrução nacional proposto pela *Seara Nova*, ao qual aderira, destaca-se no âmbito da divulgação cultural<sup>18</sup> que empreende, ao publicar, na forma de edição de autor, uma obra enciclopédica de divulgação cultural destinada ao grande público. Esta obra, que ficou conhecida pelo nome de «Cadernos», foi por Agostinho da Silva desenvolvida em quatro “frentes” simultâneas: a edição dos *Cadernos* para “a mocidade” e “a juventude” intitulados *À Volta do Mundo* (1938-1943?); os *Cadernos de Informação Cultural Iniciação* (entre 1940 e 1947); os *Cadernos Antologia, Introdução aos Grandes Autores*<sup>19</sup> (1941-1947) e as *Biografias*<sup>20</sup> (desenvolvidas entre 1938 e 1946).

Toda esta campanha de divulgação cultural foi acompanhada por ciclos de palestras e conferências proferidas por todo o país desde 1939, ano em que Agostinho funda o *Núcleo Pedagógico de Antero de Quental*.<sup>21</sup> Através dessas conferências e de cursos, e basicamente da edição de bibliografia barata e de fácil acesso, tenta Agostinho da Silva dar resposta às dificuldades de divulgação e expansão cultural existentes.

### 1.1. Educação para a Cidadania

Em «Literatura Infantil»,<sup>22</sup> texto publicado aos vinte e um anos, Agostinho declara, peremptório, que lhe parece fundamental substituir “o maravilhoso dos contos infantis” pelos “maravilhosos factos da vida”. Para que possa crescer como pessoa alicerçada em valores, é preciso que a criança aprenda, por si, “«a voar com as próprias asas», a não esperar auxílio de outrem que não de si, a não aguardar que a «sorte», ou o «destino» lhe venham coroar de êxito os seus projectos” (p. 169). Se, nos nossos dias, a teoria do desenvolvimento psicopedagógico da criança, de defesa da autonomia, é da maior actualidade, não o era, seguramente, na primeira metade do século passado.

Mais importante que encher a cabeça das crianças e jovens com prodígios realizados por fadas, bruxas ou outros seres sobrenaturais onnipotentes, propõe Agostinho, como educador, que as crianças sejam iniciadas na cultura literária. Será, então, não só fundamental, como adequado, que contactem

com exemplos de pessoas «boas». Contudo, avisa: não pessoas “passivamente” «boas»: porque, afirma-o, “ para ser útil a si e aos seus” é necessário ser forte, intrépido na luta, cheio da segura confiança em si próprio”; e, para tal, “substituíamos este maravilhoso [o do sobrenatural, das bruxas, fadas e papões] pelo das paisagens de terras distantes, dos animais estranhos que mais tarde há-de estudar nos seus compêndios de zoologia, das plantas de formas excêntricas. Através das leituras poderão os jovens descer ao fundo dos mares”, fazer “a escalada das montanhas”.

Tudo isto porque crê Agostinho num precoce projecto educativo que sirva de fundamento para a formação de “gente com vontade, com energia, com decisão, que não esteja sempre à espera que um Messias (transformação adulta da fada) lhe venha trazer já estabelecido, proclamado e suficientemente garantido o regime político por que anseia. E das crianças temos que fazê-la” (*idem*). Temos de criar essa «gente» para o Terceiro Milénio.

Este projecto é coerente com o que continuará a defender aquando da edição dos *Cadernos* intitulados «À Volta do Mundo»,<sup>23</sup> dezassete anos depois do artigo mencionado.

Todos os cadernos que Agostinho escreve para os jovens têm como constante a presença do autor/narrador que, de forma sistemática, os vai interpellando e chamando a atenção para detalhes, que pedagógica e encadeadamente repete. Além do estilo coloquial, o vocabulário é simples e acessível, adequado à faixa etária a que se destina. A simpatia pelo ser humano é uma constante e, precocemente para a época, revela ser Agostinho da Silva um ecologista, que conduz, paulatinamente, os leitores na defesa das espécies, do meio ambiente, cultivando neles respeito pelo seu semelhante e por todo o ecossistema que rodeia o planeta.

De forma revolucionária e precursora, lançou Agostinho da Silva uma educação para a cidadania, tal como é hoje entendida em Portugal<sup>24</sup> e por esse mundo afora.

“Para que haja, para os menos cultos, possibilidade de iniciação, cómoda e barata, num certo número de assuntos científicos, históricos, literários, filosóficos etc.”, inicia Agostinho da Silva a publicação da colecção “Cadernos” *Iniciação – Cadernos de Informação Cultural* (1940-1947).<sup>25</sup>

No texto em que apresenta o projecto, torna Agostinho claro que, à publicação não preside “nenhuma espécie de interesse comercial”<sup>26</sup> e que, “pagas as despesas, [se pretende] recolher receita suficiente para que se possa realizar uma obra de educação nacional que todos desejaríamos o mais ampla possível”.<sup>27</sup>

Pensados e escritos para um público cujo nível cultural fosse o de curso secundário, reconhece anos mais tarde, “segundo parece..., para outros serviram também e talvez tenham estado na origem remota do muito que no género se faz, e bem melhor, tanto no Brasil como em Portugal...”.<sup>28</sup> Tendo como objectivo tratar “de tudo o que a vida possa conter de mais interessante em gente, planta, bicho ou coisa...”, almejava o autor, através da sua difusão, permitir uma sólida base cultural a qualquer pessoa. E os *Cadernos* foram, inegavelmente, responsáveis pela formação de muitos dos seus leitores.

## 1. 2. As Antologias

Considerando a dificuldade de acesso ao livro, por parte de grande maioria da população, Agostinho da Silva vai traduzindo<sup>29</sup> e paulatinamente editando obras de autores que, segundo o seu critério, poderão contribuir para a elevação cultural dos leitores. Fá-lo na forma de edição de autor; sempre a preço acessível,<sup>30</sup> passível de ser adquirido por qualquer bolsa. Igualmente, estando o esperanto em grande expansão na época, vê Agostinho em tradução um considerável número dos seus cadernos e biografias (33 volumes, no total).

O princípio subjacente à escolha dos textos seleccionados nos *Cadernos Antologia*, *Introdução aos grandes autores*,<sup>31</sup> refere Agostinho na contracapa, é o de apresentar a obra sem qualquer “exclusivismo literário, político ou religioso”. Igualmente, “não houve a preocupação de escolher os textos por um critério de beleza puramente literário ou de apresentar aqueles em que o autor foi mais brilhante”. O intuito do organizador foi o de se fixar, por um lado, nos que “melhor podem dar a ideia do espírito do escritor e das circunstâncias da sua época” e, por outro, “nos que poderão exercer maior acção de esclarecimento”.

Todas são precedidas, sem excepção, de um estudo introdutório onde, em regra, é apresentada a caracterização do autor, sua época e obra desenvolvida. Os registos opinativos tornam-se prática usual. A linguagem, como nos outros *cadernos* de divulgação cultural é objectiva, simples, clara. Aos breves estudos introdutórios acrescenta sempre referências bibliográficas, visando à pesquisa autónoma do leitor.

## 2. O Caderno sobre *Literatura Portuguesa*

No produtivo ano de 1944 dá Agostinho da Silva à estampa a *Parábola da Mulher de Loth*, *Pólicles* e *Apólogo de Pródico de Céos* que abordam, tal como

em *Diário de Alceste* e em *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*,<sup>32</sup> as temáticas que lhe merecem lugar de eleição: a liberdade, o amor, a exigência ética de cada um para com cada qual.

É igualmente em 1944 que, no âmbito da sua acção de divulgação cultural, depois de ter escrito sobre a *Literatura Russa* e de projectar fazê-lo (sem êxito, devido à partida para a América Latina) sobre a *Literatura Espanhola* e a *Literatura Grega*, Agostinho da Silva publica o caderno *Literatura Portuguesa*.<sup>33</sup> Como o título da colecção o indica – *Iniciação* –, este caderno não pretende ser mais do que uma introdução ao conhecimento da matéria proposta.

Mas já Agostinho anda com o pensamento noutros vãos. As publicações não granjeavam as repercussões e vendas sonhadas, os académicos mantêm-se impantes nas suas cátedras, atafalhados em erudição, esquecendo-se do “aspecto moral e cívico dos seus estudos”,<sup>34</sup> o ambiente político constrange-o, e ele anda mais que decidido a sair daquele Portugal que o abafa.

O caderno *Literatura Portuguesa* reflecte bem o seu estado de alma. À excepção de meia dúzia de autores que distingue, arrola muitos outros que, se escrevem bem, não têm ideias e se têm ideias saem sem brilho, ou apenas pecam por incultos, com capacidades intelectuais limitadas, provincianas, fúteis. Preocupa-o repetidamente a pouca craveira dos escritores e, em 1944, só vê dois que se elevam a “planos verdadeiramente internacionais”: Luís de Camões e talvez Antero. “Talvez”.

Agostinho está de partida. Zangado com ele e com os outros, farto de mediocridade, deixa nesse opúsculo a imagem de uma literatura portuguesa sem arcaboço, pouca garra e, sobretudo, sem futuro à vista.

Com apregoados intuitos pedagógicos,<sup>35</sup> Agostinho, partindo da matriz galaico-portuguesa, apresenta a evolução do que se poderá considerar a literatura portuguesa até aos seus dias.

Não se eximindo ao imperativo ético de dizer o que pensa, tece considerações por vezes muito críticas quanto ao que entende ter um maior ou menor peso no âmbito da cultura nacional.

Em relação a cada obra analisada coloca sempre a tónica na adequação (ou não) “às necessidades e características da sociedade do tempo” (p. 4) e, das notas mais ou menos positivas que vai redigindo sobre cada autor, podemos precepcionar o quadro geral de valores que lhe é caro. E se existe um reduzido leque de autores positivamente referenciados, enorme é a lista daqueles que são criticados.

Dos autores que aparecem particularmente enaltecidos seleccionámos alguns:

– *Fernão Lopes* (1380?-1445?), que reconhece como “um dos melhores escritores portugueses e com toda a possibilidade de sustentar comparação com os grandes cronistas estrangeiros”. Nele sublinha características que, futuramente, veremos serem tónicas às quais confere particular relevo não só na apreciação da obra de outros escritores, mas sobretudo porque as coloca como base fundante da sua própria redacção e análise. Valorizado, o “ardente” patriotismo, que lhe não permite em qualquer caso deturpar a verdade, a simpatia pelo povo, o gosto pelo pitoresco, a capacidade de movimentar grandes massas, a nitidez e a finura dos retratos psicológicos, “a imparcialidade de que só os grandes artistas são capazes...” (p. 5).

– *Luís de Camões* (1524?-1580). Porque é capaz, pelo seu génio criador, na lírica, de fazer a síntese entre a medieval defesa da Fé, própria dos cavaleiros da cruzada, e a concepção do amor ideal platónico cantado pelos trovadores e poetas do Renascimento italiano. Coloca ao lado das grandes epopeias alguns trechos de *Os Lusíadas* como a *Batalha de Aljubarrota*, *Os Doze de Inglaterra*, parte do *Episódio do Adamastor*. Contudo, refere, é nos sonetos, nas oitavas, nas canções, na paráfrase do salmo *Super Flumina* (*Sóbolos rios*) que se percepção a grandeza de Camões como pensador e poeta que, por ter vivido o lado trágico da vida, foi capaz de se alcandorar às alturas a que poucos ascendem. Na palavra de Agostinho, Camões é apresentado como expoente de “um dos grandes poetas do mundo e talvez com Antero o único dos escritores da língua portuguesa que se elevou a planos verdadeiramente universais” (pp. 10-11).

– *Padre António Vieira* (1608-1697), de quem enaltece o temperamento e a tendência para a política, em detrimento da teologia. Com ênfase, sublinha a “audácia extraordinária, quer no tratamento dos temas de fé, quer sobretudo nas críticas ao governo do Brasil”, o “interesse humano posto na defesa dos índios”, a “energia na luta” contra os exploradores das riquezas humanas e materiais, “a clareza e a justeza” de “algumas das suas ideias económicas e sociais”. E mostra-se rendido ao que designa de “estilo riquíssimo, vigoroso, exacto, perfeitamente modelado”. Particularmente referenciada surge a capacidade de se manter acima dos defeitos do seu tempo, a força da sua inteligência, bem como a amplitude no tratamento dos temas que eleger como primaciais (p. 13).

Sobre Vieira não se cansará Agostinho de escrever, enaltecendo a capacidade de realização do homem, a humanidade do sacerdote, a visão diplomática do bandeirante. E adota, reformulando-a à sua medida, a ideia quinto imperial vieirina, que consubstancia em *Quinze Princípios Portugueses*.<sup>36</sup>

– Almeida Garrett (1799-1854) é apresentado como “enamorado da variedade da vida, aberto à finura poética” e ao “humorismo”, contudo capaz também, qual Herculano, de “exaltada sensibilidade”. Senhor de um “espírito dúctil”, é “maravilhosamente expressivo, requintado na construção e na escolha dos vocábulos, embora com a aparência de uma perfeita naturalidade” (p. 17).

Seis anos antes prefaciara Agostinho *Doutrinas de Estética Literária* de Garrett.<sup>37</sup> De Garrett aprecia o cidadão envolvido e interessado nos “negócios públicos” (p. 218), que pertence “à raça dos que não desanimam”, dos que entram na luta “movidos por um puro idealismo” (p. 221) e reclama “um regime que seja para todos os portugueses, e não só para um grupo, um governo de tolerância, de justiça e de progresso” (p. 222).

Para quem conhece a biografia de Agostinho, torna-se claro neste estudo da obra garrettiana quanto o autor se revê no biografado: “Defensor da soberania do povo, adversário de toda a espécie de tiranias, convicto de que a educação para a liberdade se faz pelo uso da liberdade” (p. 221). Porque “acreditava que uma nação pode encontrar em si mesma e só em si os elementos de uma ressurreição intelectual”. Não obstante enalteça os intuítos pedagógicos da sua literatura, critica que Garrett não tenha optado por “levantar” culturalmente o povo, em vez de “baixar” a cultura ao povo (p. 228).

Vê em *Viagens na minha terra* a obra mais representativa de Garrett, “pela emoção delicada, pela graça ligeira, pela sensibilidade perante a paisagem, pelo supremo gosto do artista com que entrelaça a descrição de viagem e o romance, pelos relâmpagos de paixão política, pela naturalidade e polida elegância de estilo” (p. 222).

Pode reconhecer que Garrett é “inimitável no que é delicado, gracioso, feminino” (p. 228), mas Agostinho confessa que ele “não tem a força, a segurança, o largo passo dominador”; “as suas doutrinas e grande parte dos seus escritos são medularmente inconsistentes e inferiores como concepção e como realização”. O «neogarretismo» “anémico e pedante da geração de 90”, “despido da coragem cívica de Garrett”, é a consequência esperada.

Na análise cronológica que vai fazendo da obra dos expoentes da literatura no caderno em análise, Agostinho repudia, em concreto,

- a “imitação de modelos” aliada ao “carácter de artificialidade e de escola”;

- o tratamento de “futilidades” pelos poetas da corte a partir do século XV;

- o peso da erudição que alguns poetas exercem sobre as asas da criação poética;

- a inaptidão para a “discussão de problemas essenciais” (p. 13);

- a falta de “paixão”, de “pensamento profundamente sentido”, característica, em regra, dos escritores do século XVIII, que se deixaram enredar pelo “classicismo estreito e artificial” (p. 14);

- a falta de “incitamento” “crítico”, “o gosto de análise” social, a “apressada cedência ao entusiasmo, ou lírico, ou sarcástico”, a “subordinação a um gosto público inferior” (p. 19), bem como

- a falta de “imaginação intelectual” e de “humildade ante a vida”, ou de “faculdades de análise e de síntese para lhes dar a base ideológica segura” (p. 21);

- a falta de consistente erudição em alguns autores que, se por um lado conseguem “fustigar” no seu estilo vigoroso e “sonoro” a sociedade portuguesa, não a compreendem, contudo, na sua totalidade (p. 22).

À frente de todo este enunciado de faltas, Agostinho dá particular relevo à obra de Eça.

### 2.1. De impotente a génio

A *Eça de Queiroz* (1845-1900), segundo Agostinho escreve no caderno sobre a *Literatura Portuguesa*, falta capacidade para destrinçar o essencial do secundário. Igualmente, faltam “inteligência” e uma “forte personalidade artística”. Tendo-se deixado “tentar” pelo romance de costumes (*Prosas Bárbaras*, parte de *A Ilustre Casa de Ramires*, *O Mandarim*, *a Cidade e as Serras*, *Vidas dos Santos*), bem como pelo romance de costumes e de crítica social (*O Primo Basílio*, *O Crime do Padre Amaro*, *A Relíquia*, *Os Maias*), Eça é atacado por Agostinho por ter retratado apenas “uma camada muito superficial da sociedade portuguesa”. Esqueceu “o essencial”. Se lhe reconhece habilidade para “surpreender o ridículo”, considera-o “impotente” perante “o mais profundo e trágico”. E, não obstante se tenha revelado particularmente “cuidadoso”, “fino” e “delicado” no domínio do estilo, Eça mancha com “falso conceito de elegância” grande parte da sua obra.

Se neste *caderno* Agostinho não condescende, chamando a atenção para falhas que, quanto a si, se apresentam como inaceitáveis – a superficialidade, na categorização da «aparência», em detrimento à tão cara, para Agostinho, «essência» das coisas e da vida –, será sobretudo em *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*<sup>38</sup> que, em 1957, Agostinho escarpeliza e fustiga, sem dó, os romances queirozianos.

Embora reconheça que a sua obra ultrapassa a de qualquer autor pela “feitiçaria do estilo, pela rapidez da visão caricatural, pela arte de narrar”, Agostinho não perdoa que tenha sido tão inábil para “entender Portugal”. Eça é assim visto como incapaz de perceber quanto Portugal sofria, enquanto narrava “os saraus literários, as burguesas preguiçosas, os seus campos de cavalos, os seus médicos desocupados num país de doentes, os seus ministros sem cultura, os seus burocratas... os seus padres que são funcionários públicos, a devoção estreita, hipócrita e incompreensiva de suas beatas”.

Pode aceitar que a literatura de Eça seja “admirável”, mas Agostinho não tolera que ele tenha visto Portugal apenas durante as suas “férias de cônsul”; que lhe tenha sido mais fácil “fazer graça que análise”, que se mostre incapaz de apreender a essência do povo, e que tenha sobreposto “a construção do seu estilo” à defesa dos princípios nacionais. Igualmente, para Agostinho, Eça “não entendeu Portugal na sua história”: se na *Cidade* ou na *Ilustre Casa* se encontram trechos “daquela História de Portugal que pode interessar a literatos”, apenas porque dá quadros ou apresenta relatos pitorescos, tal “não explica coisa alguma”: “Não há uma palavra do povo, não há uma palavra de concelhos, uma palavra de burgueses, não há uma palavra de economia, não há uma palavra de verdadeira política.”

Esta posição de Eça, esta relativização (ou anulação) do que é para Agostinho fundamental, parece tanto mais gravosa quanto é certo que se trata de “um homem de educação universitária”, que teve contacto com todas as hierarquias do poder. Competia-lhe ter contribuído para aquilo que é, segundo Agostinho, primordial: a elevação do seu irmão em humanidade. E porque, finalmente, tal como o não entendeu no seu passado ou no seu presente, “Eça não entendeu Portugal no seu futuro”. Por tudo isto, não merece Eça de Queiroz, segundo a óptica agostiniana, constar entre «os melhores» da literatura nacional.

Seis anos depois de tão contundentes afirmações, Agostinho da Silva dava o braço a torcer e a mão à palmatória, ao prefaciar um livro de Alberto Machado da Rosa sobre Eça.<sup>39</sup> Justifica-se pela “nova aproximação da obra e da personalidade de Eça” com o facto de as suas incursões anteriores na literatura terem sido “talvez pedagógicas”, “mais de acção do que de contemplação”, “mais de pregar que de compreender” (pp. 266-267).

E aceita escrever o prefácio porque, conforme declara, “acha Machado da Rosa que Eça e eu, se nos tivéssemos conhecido, teríamos sido amigos” e o prefácio até seria uma oportunidade “de reparação”. Para “esclarecer e reparar”, Agostinho, conduzido pela mão de Rosa, vê então no escritor poveiro um “franciscano que tem, por exemplo sobre a questão social, ideias que são verdadeiramente portuguesas e não importadas”. Eça “descobriu”, guiado por Dickens... “e pela poesia inglesa, em génio que nos é fraterno, que deu sonhos de Quinto Império de Vieira a partidários de Cromwell, que talvez um dia, pela charneira de Goa, [se] ligue[m] comunidades actuais ou em perspectiva numa confederação que poderia ser o ponto de arranque de uma autêntica civilização de terceiro mundo” (p. 269).

Mais adiante, confessa ainda Agostinho, “Eça ganhou a esse tempo dimensão ibérica”, no papel complexo de explorar os “sonhos da cultura peninsular ou, restringindo, da portuguesa” (p. 271).

Deixando-se de filosofias e passando àqueles “fundamentais pensamentos que são apenas sonho”, Agostinho concede que “talvez Eça nos esteja insinuando que o único jeito de nos libertarmos da tragédia em que a Península vive é o de (...) anularmos a própria vida pela superação de todas as antinomias (...) pela concepção de (...) um momento, já não de tempo, em que se equivalham a história do passado e a História do futuro” (p. 272).

Agostinho redimido, finalmente. E Eça pode prosseguir na vanguarda inquestionável dos escritores portugueses mais internacionais, porque cada vez mais o seu estilo é marca no presente e a sua obra estandarte para o futuro.

## 2.2. Os mortos esquecidos

Voltemos ao caderninho sobre Literatura Portuguesa. A partir da geração de 1890, perfila Agostinho os nomes dos que considera expoentes, na literatura, de reacção às tendências internacionalistas e críticas da geração de Antero, fazendo sobressair a obra de *Raul Brandão* (1876-1930) e *Teixeira Gomes* (1862-1942).

A terminar, Agostinho apenas refere que “modernamente” a literatura “não parece com tendência a fixar-se em correntes nítidas”. Cada artista procura “acima de tudo exprimir-se”.

Da análise deste estudo conclui-se que o critério utilizado não abrangia escritores ainda vivos na altura. Contudo, estranha-se que Agostinho tenha evitado ilustres mortos da primeira metade do século como Sá-Carneiro (1890-1916), Eugénio de Castro (1864-1944), Florbela Espanca (1894-1930),

Venceslau de Moraes (1854-1925), Camilo Pessanha (1867-1926), António Patrício (1878-1930) e até o polemista Raul Proença (1884-1941) da «Seara Nova», autor do *Guia de Portugal*, com quem Agostinho até colaborou.

Ao encerrar o opúsculo dizendo que “a tendência é para a não-fixação de correntes nítidas”, Agostinho passa por cima do «modernismo», iniciado no pós-guerra 14/18 por jovens que carretaram experiências do estrangeiro: Fernando Pessoa, da África do Sul, Sá-Carneiro, Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, de Paris.

Ao esquecer sobretudo Fernando Pessoa (1888-1935), que já tinha sido meio premiado pela *Mensagem* (1934) e já tinha o seu velho companheiro Luís de Montalvor a publicar-lhe as *Obras Completas*, parece-nos que Agostinho está a cometer um erro crasso. Será por desconhecimento da obra? Por resabiamento e para não ceder aos académicos? Pela pressa de fazer as malas e partir no seu auto-exílio? Apenas irá corrigir essa falta no Brasil, quinze anos mais tarde, quando a Biblioteca Luso-Brasileira do Rio e Maria Aliete Galhoz já preparavam a 1ª edição da *Obra Poética*.<sup>40</sup> Mas de Fernando Pessoa falaremos mais adiante, para não perder agora o fio à meada.

### 3. As *Biografias*

As *Biografias*<sup>41</sup> de Agostinho são relatos de vida de modelos éticos, retratos de homens iguais a nós (o santo e o herói, o poeta, o escritor ou o artista, o cientista, o educador ou o político), que visam contribuir para a construção pessoal dos leitores e mostram que, através do esforço e dos sacrifícios inerentes à auto-superação, é possível triunfar sobre qualquer impedimento ou limitação. Por se tratar de “vidas” de “homens que se elevam acima da humanidade”, que “desprezam” tudo o que a gente vulgar tanto aprecia – a riqueza, o conforto, o poder, a vida –, ao surpreendermos facetas autobiográficas do autor, reparamos como, a final, ao optar-se pela contenda em nível espiritual, social ou moral, é possível ultrapassar todas as limitações.

Sendo a base pedagógica nítida, o intuito axiológico<sup>42</sup> é explícito: através das histórias de vida dos retratados, Agostinho, ao promover a cultura, divulga e induz experiências assentes em valores. Igualmente, o intuito político aparece de forma clara: ele tem como objectivo, repete-o, “[...] levantar os portugueses ao nível necessário para que a revolução cultural e política se firmasse e pudesse avançar”.

Se através do seu trabalho de divulgação cultural, desenvolvido no âmbito do Núcleo Pedagógico Antero de Quental, Agostinho da Silva se preo-

cupou em promover o saber, a reflexão e, fundamentalmente, a cultura, com o projecto das *Biografias*, verifica-se estar preocupado com o processo de tomada de consciência e de reflexão sobre os valores. Valores que impregnam a totalidade das suas obras.

### 3.1. *Mundo Novo*

Se alguma marca existe na obra literária de Agostinho da Silva, pode, sem dúvida, ser identificada com o desejo da construção de um *Mundo Novo*. Mundo que resulta do labor do *homem novo* que já ascendeu ao patamar dos que detêm “vontade que não verga, (...) amor que nada extingue”, que será capaz de conduzir qualquer “população miserável e triste a toda a beleza de uma vida verdadeiramente humana”.<sup>43</sup>

O *Mundo Novo* baseia-se no progresso económico. É um mundo onde a doença foi debelada pelo progresso da ciência e “a cooperação garante a assistência”; onde o progresso da cultura reside nas “escolas em que aprender não é uma fonte de terrores”, “os mestres não são carrascos, mas companheiros” e as bibliotecas se abrem para que as pessoas a elas acedam, livremente, para “adquirir a instrução que lhes falta”, para lhes “elevar a mentalidade e os fazer sentir plenamente o júbilo da vida renovada”. A solidariedade reina, naturalmente, entre os habitantes, e “a cooperação leva-os à tolerância e, mais do que à tolerância, ao amor do semelhante, à pronta cedência, às cautelas para que nada possa vir a faltar-lhes”.<sup>44</sup>

Solidamente fundado em alicerces de tolerância, de cooperação e solidariedade, com paredes erguidas sobre “o apagamento das humilhações e da miséria”, em que o amálgama utilizado na sua construção é o do Amor por cada um e pelo Outro, cada país assim fundado é retratado pela pena de Agostinho como o “país messiânico”. E podemos acreditar que, finalmente, desta forma, “... para sempre a paz estará assegurada sobre a Terra.”<sup>45</sup>

Eis descritas as bases daquele que, anos mais tarde, pessoalmente, Agostinho virá a denominar de *Quinto Império*. Afinal, a “utopia” ou “quimera utópica” agostiniana não é mais do que um sonho imaginado e com paixão alimentado pelos seus biografados Zola, Pasteur, Lincoln ou Washington; um projecto levado a cabo por Washington, Robert Owen, Franklin, Laménais ou Leopardi; o sonho desenhado de um mundo melhor magistralmente modelado por Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci e partilhado por Moisés e Francisco de Assis.

Sonho de um mundo melhor que Agostinho da Silva não se cansou de propagandear... se bem que nem sempre tenha sido nem bem ouvido, nem

bem entendido. Sonho de um mundo em que cada um possa, em liberdade, simplesmente SER.<sup>46</sup>

#### 4. Centros de cultura e universidades

Com as dificuldades inerentes a qualquer cidadão que se sentia seguido e observado pela polícia política, impedido de desenvolver, em liberdade, as tarefas da docência, Agostinho decide partir, voluntariamente, para a América Latina.

No Brasil, onde aporta em Maio de 1944 – depois de uma breve estada no Uruguai e Argentina –, transcorrerão 25 anos. E aí decorre um outro período (digamos que o terceiro, e mais produtivo) da sua vida.

Se na fase inicial, em Portugal, ganhou autonomia conceptual – expressa tanto no percurso académico como na já significativa produção literária –, na «era brasileira» a sua história é, segundo palavras de Pinharanda Gomes,<sup>47</sup> a de um «bandeirante» da cultura lusíada. De facto, mais do que fundar (ou ajudar a fundar) Universidades<sup>48</sup> e Centros de Estudos e de Investigação,<sup>49</sup> integrar comissões<sup>50</sup> ou instituir centros de divulgação da língua e da cultura portuguesas,<sup>51</sup> Agostinho, diz que se “funda a si próprio”, acreditando que

“... só há uma missão e um destino para Portugal: o de fazer da variedade de culturas que hoje existem, e sem a eliminar, uma universal cultura humana”.<sup>52</sup>

Acreditou e contagiou tantos com tal sonho que são cada vez mais os que estão certos de que o “Quinto Império está em embrião nos meninos de todo o mundo”. E que, “como base, [são necessários], sustento e liberdade”; “como meio, o mundo”; “como fim, um sonho que se torne real; se aqui não der certo, a outro ponto irei onde se fale português...”.<sup>53</sup>

#### 5. Reforma nacional

Em *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*,<sup>54</sup> obra apresentada no Brasil pelo próprio, em 1956, e editada no ano seguinte, e partindo da apresentação da história da cultura portuguesa (parte integrante da Península Ibérica), Agostinho da Silva redige um tratado de História da Cultura e das Ideias Ibéricas, onde traça as linhas redentoras para o crescente individualismo e materialismo.

Ao caracterizar o povo português como detentor “daquela noção de fraternidade sem a qual o cristianismo é mero vácuo”, retrata Portugal como

“o missionário da largueza do Reino de Deus” – fundamento provável, por um lado, para o seu anticlericalismo e, por outro, para o seu gosto pela mestiçagem –, tentando o seu povo, no périplo pelo mundo, “espalhar pelo universo um catolicismo tão católico que até o infiel nele coubesse” (p. 35). Desta forma assume o intuito ecuménico das navegações e da disseminação cultural lusa.

A literatura portuguesa, tal como a vida portuguesa, “abrem-se”, neste enquadramento, “sob o signo do dever da acção e sob o signo da saudade” (p. 36). O «deverdaacção» aparece subordinado ao «signo da saudade». Já todos sabemos que a História rodou sobre si e que os ciclos se repetem. Ese «acção», ao lado da «saudade», são apontadas como os motes orientadores vividos pelos portugueses, que outro remédio não tiveram senão o de “embarcar nas barcas que mandou lavar el-rei” (p. 33), veremos como tornam a ser, séculos mais tarde, de novo, os mesmos dois pressupostos a presidir os dois movimentos culturais de reestruturação nacional que emergem no início do século XX, logo após a instauração da República. Tanto a *Renascença Portuguesa* como a *Seara Nova* – de que Agostinho fez parte e com os quais colabora – congregavam membros que “deram apoio de estrutura aos que verdadeiramente se interessavam, num esforço colectivo, pela resolução do caso português” (p. 78).

Com o impulso da *Renascença*, fundada e desenvolvida sob o signo da Saudade, aliada à força da *Seara* que tomou como mote e bandeira o desígnio da Acção, viu Portugal, ombro a ombro, trabalhar e batalhar a “melhor gente”, gente “com capacidade literária”, que se não eximiu à pesquisa das necessidades do país, por forma a para ele traçarem um plano articulado de reforma.

Se a *Renascença* se debruçou sobre os aspectos poéticos, literários, histórico-intuitivos da Nação, vem a *Seara* a propor e desenvolver o necessário plano de reforma nacional, que Agostinho decide empreender por sua conta e risco, e não abandona, mesmo quando entra em ruptura e se distancia do movimento e a situação sociopolítica se lhe revela particularmente adversa.

Para a *Seara*, havia que fazer, de imediato, uma reforma de Portugal, reforma que se via assente em dois pilares: o da economia e o da educação. Se quanto ao primeiro existiam poucas dúvidas de que o país seria capaz de renascer,<sup>55</sup> quanto ao segundo, o da educação, via-se como fundamental a preparação de novas gerações de portugueses para o entendimento científico, humano e filosófico dos problemas práticos, políticos e espirituais.<sup>56</sup> Era, por conseguinte, imperioso proceder à “reeducação” do povo português.

Neste plano alargado de regeneração e investimento no futuro, cabia o envio de jovens universitários para o estrangeiro, por forma a que entrassem em contacto com “os grandes centros culturais” e, no regresso, desmultiplicas-

sem o apre(e)ndido em nível dos ensinos primário e secundário, pudessem investir em escolas de “continuação” e contribuíssem para a disseminação da educação, com missões pedagógicas, universidades populares e publicações. E contribuiriam, desta forma, para “restituir ao país a mentalidade que há tanto tempo se conservava desprezada”.<sup>57</sup>

Todas as vias apontadas pelo movimento, sem exceção, foram por Agostinho percorridas. Faltaram, contudo, condições para que se consumassem os desígnios traçados, de instaurar, na terra (em Portugal e no mundo lusófono), os princípios medievais da católica e universal fraternidade (p. 58) em nível da ciência, da economia e da religião, através do comunitarismo agrário e da descentralização da autoridade.

No que parece estar na sequência das *Glossas*,<sup>58</sup> inicialmente publicadas na *Seara Nova*, disserta Agostinho, em *Considerações*,<sup>59</sup> basicamente sobre questões éticas. Mais do que dialogar com o leitor, de novo se assume Agostinho como o mestre socrático que tenta levar o leitor /interlocutor à descoberta das questões candentes que o preocupam e nos preocupam, e poderão ser vistas como os pressupostos agostinianos para uma sociedade assente em princípios e valores.

Com qualidade literária que se equipara à riqueza do seu pensamento, Agostinho da Silva reflecte, nas obras que redige, sobre as ligações entre as culturas portuguesa e brasileira. As temáticas abordadas são no âmbito da ética, da educação e sobretudo sobre o sentido da história.

## 6. Ser criança no Quinto Império

“Sobre Fernando Pessoa  
darei a coisa correcta  
quem é mesmo criador  
cria poema e poeta.”<sup>60</sup>

É só em 1959, em plena maturidade e já no Brasil, que Agostinho escreve *Um Fernando Pessoa*.<sup>61</sup>

De *Fernando Pessoa* (1888-1935), atrai-o a personalidade, o não ter renunciado a ser os vários que era, sujeitando-se a uma vida de sacrifícios para o provar. Fascina-o a coragem de gozar a liberdade de ser «outro» e de revelar a dimensão do Quinto Império. Ao usar os diferentes heterónimos atingiu a pluralidade, permanecendo ele próprio, Fernando Pessoa, imperscrutável.<sup>62</sup>

No retrato que traça de Pessoa<sup>63</sup> sobressai alguém que, por ser “amado dos deuses”, em vez de ter a missão aplainada, enfrenta escolhos. Porque os

deuses entendem que quem tem uma carreira “essencial aos destinos do mundo” não pode ter caminhos fáceis. Embora em plena liberdade os percorram.

Porque a liberdade é (tão) essencial para Pessoa (como para Agostinho), escolhe (um e outro) nascer em Portugal, “porque tem a convicção de que Deus não poderá abandonar o seu outro povo eleito” e de que o dia, «a Hora», há-de surgir em que “Portugal virá, de novo, a construir o seu mundo de paz”. “(...) Paz que se realiza antes de tudo nas almas”, por forma a que o “Reino de Deus surja pela transformação interior do homem”(p. 91). O que mais fascina Agostinho, depois de se ter distanciado da escrita de *Um Fernando Pessoa*, é a consciência de que, afinal, há ainda tudo para descobrir acerca daquela dimensão sobre a qual nada pode dizer:<sup>64</sup> a dimensão de Pessoa, ele próprio.

Ao longo de cerca de duas dezenas de anos vai Pessoa escrevendo *Mensagem*, que Agostinho coloca a par de grandeza com as crónicas de Fernão Lopes ou de D. João de Castro, com *Os Lusíadas* ou a *História do Futuro*.<sup>65</sup> Se “a espantosa e eloquente vitalidade” de Camões é inultrapassável, conseguiu contudo, assim o defende Agostinho, pôr Pessoa mais claro do que Camões no episódio da *Ilha dos Amores* “a concepção de um verdadeiro Império Português ou Quinto Império”, na sua “previsão do Futuro”.<sup>66</sup>

Em «Mensagem Um» Agostinho introduz Pessoa no quadro sociopolítico literário português. Em «Mensagem Dois», quando interpreta a *Mensagem* – e depois de ter reflectido e analisado o carácter, a obra e os sonhos expressos em vida por Pessoa e seus três heterónimos –, Agostinho apresenta, em súplica, e “por amor do Futuro”,<sup>67</sup> os elementos constituintes do seu idealizado “Portugal-Ideia”.<sup>68</sup> Surge claramente o seu Quinto Império pessoalmente inspirado, assente na crença de que a Humanidade se poderá regenerar, um dia, quando for possível deixar Ser a criança que existe em cada um de nós.

Agostinho acredita que a *Mensagem* pessoana não está apenas designada para Portugal e para os portugueses: é, mais que isso, uma mensagem para o mundo. Portugal, pela sua acção, nos bons e menos bons exemplos, poderá ser o modelo, para os outros, daquilo que ele próprio não conseguiu:

- Povo de força criativa que, no acto puro de criar, ganha consciência de que é possível ultrapassar as adversidades através da força da sua vontade de se cumprir, quaisquer que sejam as condições e os impedimentos ao cumprimento de um projecto (do seu projecto).
- Povo sempre disponível, caracterizado pelo gosto de agir e que na acção se diverte.

O nosso mundo, que em agonia se parece arrastar, tem de ser salvo. Pode ainda ser salvo. Depende unicamente de cada um de nós. Através da reflexão e da mudança de mentalidades, será possível, pela acção construtiva, dizer «É a hora!».

“É a hora de se deixarem da tolice dos impérios, que não servem para nada”; “É a hora de estarem disponíveis para o mundo, que precisa de vocês.” De que forma? A solução, aponta-a Agostinho, sistematicamente, indo agora inspirar-se na *Mensagem* de Pessoa, para melhor explicar:<sup>69</sup>

- «É a hora!» de repensar a educação, transformando filosofias, paradigmas de escolas e mentalidades. Mais do que nunca necessita a Humanidade de desenvolver qualidades infantis que conferem características distintivamente humanas: as escolas e a vida, reestruturadas, desenvolverão “a imaginação em vez do saber”, “o jogo em vez do trabalho”, “a totalidade em vez da separação”. Porque, queiramos ou não, assim nos narram as múltiplas culturas. São estas, precisamente, as características dos “grandes criadores de ciência”, dos “grandes artistas”, ou dos “grandes políticos”.<sup>70</sup> Se o mundo é imprevisível, a criança terá de ser preparada, através do conhecimento das coisas e do desenvolvimento da sua criatividade e imaginação, para ser capaz de dar resposta aos imprevistos.
- «É a hora» de repensar a economia do mundo em moldes comunitários, disciplinando o processo de produção e de distribuição. «É a hora!» de repensar as formas de governo. A Humanidade necessita de governos que sirvam à *res publica* e não apenas à *res propria*. As pessoas e colectividades deverão voltar a ser ouvidas, nos seus sonhos e anseios e, quando a sociedade estiver organizada, de novo, segundo os bem-sucedidos preceitos medievais da fraternidade católica (ao nível da ciência, da economia e da religião), do comunitarismo agrário<sup>71</sup> e da descentralização de autoridade. A todos deve ser conferido o direito de ser.<sup>72</sup> Teremos, então, chegado ao momento em que seremos capazes de constituir o desejado desígnio de “ser católico, isto é, fraternal e universal”.<sup>73</sup>

Ousemos, então, apostar no futuro, e apostar nas crianças. Não as deformando pela pedagogia, antes as deixando crescer e aprender em função dos seus interesses e vocações. Crescendo num mundo organizado em torno de uma nova consciência, a de que “todo o governo que não for de amar será

absurdo, toda a economia que não for de colher será absurda, toda a teologia que não for de contemplar será absurda”.<sup>74</sup> Dito por outras palavras, cabe-nos a nós – a todos e a cada um – “oferecer ao mundo” um modelo de vida em que se entrelacem, em perfeita harmonia, os fundamentais impulsos da humanidade: produzir beleza, amar os homens e louvar a Deus, ou seja, os impulsos de “criar, de servir, de rezar”.<sup>75</sup>

E tendo Portugal lutado pelo seu “direito de ser irmão dos outros povos do mundo” que com ele comungam da mesma língua e dos mesmos valores, levando às últimas consequências a constituição de uma Comunidade de Nações de Língua Portuguesa (p. 40) – proposta por Agostinho, que com o seu entusiasmo e veemência contagiou pessoas que foram a alavanca da hoje denominada CPLP –, poderemos, então, ter alguma possibilidade de conseguir, para as nossas sociedades, uma reforma radical. Seremos então capazes de “varrer, de vez, da face do Universo, a miséria material da Humanidade”.<sup>76</sup>

### 7. Novelista e poeta “à solta”

Na senda do que defende enquanto ensaísta literário ou novelista, Agostinho persegue, coerentemente, os mesmos princípios nas obras de cariz filosófico, pedagógico ou especulativo. Reforça as mesmas crenças pela pena do narrador, pelas falas das personagens ou pela explanação do pensamento e das crenças de seus múltiplos e assumidos heterónimos.<sup>77</sup>

Nas novelas *Herta, Teresinha e Joan*,<sup>78</sup> bem como em *Macaco Prego*,<sup>79</sup> nas novelas *Dona Rolinha e Ada Carlo*,<sup>80</sup> onde as marcas autobiográficas são explícitas e em que o autor se desnuda nas suas apetências, gostos, tendências, ideias, pressupostos, sonhos e desilusões, o elemento comum é, para além da narração de histórias de mulheres (de mulheres-tipo ou de tipos de mulheres), o claro intuito de apresentar em Portugal (de onde Mateus-Maria escreve a «Nota Prévia» de apresentação das *Novelas*) a variante escrita brasileira do português aprendido enquanto menino. Tal é patente ao nível lexical e da sintaxe, bem como da estilística, com recurso à rica imagética brasileira, sendo inegável o recurso à coloquialidade onde se descobre, na fala de cada uma das personagens, o interlocutor das «Conversas Vadias»<sup>81</sup> da televisão. De entre as múltiplas hipóteses de escolha, para citação, selecciono apenas alguns exemplos:

“o que o mundo afinal precisa é de um homem que seja, a um só tempo, a um só impulso e a uma só obra, artista, sábio e santo”;<sup>82</sup>

“no íntimo dos íntimos considero a Universidade como uma insti-

tuição inteiramente ultrapassada”;<sup>83</sup>  
 “perfeito casamento: envelhecer juntos”.<sup>84</sup>

Se “Poesia” se define como “arte de compor ou escrever versos” ou “poder criativo”, é sobretudo, para Agostinho, como aparece definido no *Dicionário Hoauiss*,<sup>85</sup> “o que desperta o sentimento do belo; aquilo que há de elevado ou comovente nas pessoas ou nas coisas”.

Em *Quadras Inéditas*<sup>86</sup> Agostinho da Silva apresenta quadras ao gosto popular,<sup>87</sup> de verso espontâneo, mas cheias de erudição e críticas à vida. Já em *Uns poemas de Agostinho*<sup>88</sup> se lê, em síntese, o pensamento de explícito pendor filosófico. Essa obra trata das grandes questões de Deus, do Homem, das obrigações éticas para com o mundo:

“O mundo é só poema  
 em que Deus se transformou  
 Ele existe e não existe  
 Tal a pessoa que sou”  
 (*Quadras Inéditas*, p.81)  
 ou

“Ser poema não poeta  
 é que vejo como um alvo  
 se o não for para que vivo  
 mas se for me vivo e salvo”  
 (*Uns Poemas...*, p. 79)  
 ou ainda,

“Do que é certo desconfia  
 do duvidar te enamora  
 é tão bom não saber de Deus  
 quem de dentro a Deus adora”  
 (*Quadras Inéditas*, p. 35)

ou, antes de finalizar, o desafio:

“nem verdade nem mentira  
 uma coisa assim assim  
 e se queres saber mais  
 não mo perguntes a mim  
 (*Uns Poemas...*, p. 88)

Será, contudo, na obra poética ainda inédita,<sup>89</sup> que parece residir o seu pensamento mais íntimo. Aí, pode-se entever o Agostinho-homem, apaixonado, que reflecte e discute acerca do Amor; descobre-se o poetar repassado de considerações éticas, místicas e metafísicas, de cuidada elaboração, plena de antinomias e exortações, o que lhe confere, nas palavras de Paulo Borges, características de “poesia pensante e mística”.<sup>90</sup> Do que pudemos analisar, partindo do espólio que recolhemos, fica-nos a certeza de que muito há ainda a explorar em Agostinho-poeta.

Cultivar a deusa da Razão nunca foi muito do gosto de Agostinho, que se assumiu contra o cartesianismo teórico preferindo a vida “à solta”, do quotidiano, onde as teorias se levam, coerentemente, à prática. Entende que a revolução dos seus dias – a revolução de todos os dias – é a de levar a “poesia para todos”.<sup>91</sup> Porque se a “poesia da criação” só apareceu no mundo depois daquela época em que o homem primitivo dela não tinha qualquer necessidade, por ser pouco mais que bicho, vivendo apenas para sobreviver, a partir do momento em que inventou a alavanca e a roda, surgiu dentro dele o movimento interno, de instinto, e intuição, mas também de poesia, que lhe conferiu estatuto de criatura, não só “da” criação, mas igualmente “capaz de criação”. Foi então que o Homem ganhou capacidade de ser “poeta à solta”.<sup>92</sup>

## 8. O mundo das essências

“Sou muito do comportamento africano, que integra o passado no presente e, porque o mito reina, o alarga a todo o futuro possível. E o facto de pensar africano me torna mais português, pois o ligo igualmente a Platão”.<sup>93</sup>

Porque continuou sempre a acreditar que seria possível operar uma reforma radical e contribuir para a reunificação dos povos de língua galaico-portuguesa, não desistiu Agostinho da Silva de concitar à sua volta todos os que, como ele, acreditam que ainda é possível “oferecer ao mundo um modelo de vida em que se entrelacem, em perfeita harmonia, os fundamentais impulsos da humanidade de produzir beleza, de amar os homens e de louvar a Deus: de criar, de servir, de rezar”.<sup>94</sup>

Por isso nunca deixaria de – malgrado as óbvias oposições que sempre à sua volta foi capaz de congregiar – instigar e exortar todas as comunidades, em particular as dos escritores, a quem chamou a atenção para dois factos que se nos apresentam como basilares:

“A literatura mais representativa do que Portugal foi (...) é a literatura dos navegadores, dos pilotos e dos exploradores que marcaram a sua passagem por todos os mares e por todos os continentes do globo e que depois, sem querer saber das normas de retórica europeia, vieram trazer [com] a sua narrativa, (...) a sua contribuição para uma ciência que se não constituía sobre o sacrifício dos menos cultos, sobre uma segregação dos que mais sabiam, mas, pelo contrário, se fazia tomando por base essencial o grupo que saía à descoberta, sendo afinal o que escrevia como que apenas o relator, o narrador das experiências do grupo. Ciência de irmãos para irmãos, não ciência de senhores para escravos, nem ciência de superiores para inferiores”.<sup>95</sup>

Sendo o problema português um problema do mundo, os escritores que ainda têm a coragem de se debruçar sobre os problemas do povo, sobre as suas necessidades, aspirações ou fragilidades, sabendo, em consciência, que tal literatura pode correr o risco de vir a ser desvalorizada, “esses escritores”, diz Agostinho,

“esses escritores estão apenas ecoando (...) o grande lamento universal dos pobres que ninguém liberta de sua pobreza, dos camponeses para quem a terra foi madrasta, dos operários que são apenas «mão-de-obra», das crianças que, quando escapam de morrer, vivem para penar, das mulheres que a prostituição espreita, dos velhos para quem o hospital é o paraíso”.<sup>96</sup>

E desafia os escritores actuais a quem atribui particulares responsabilidades para que, quais Camões, se não eximam a sonhar e a propalar “não o mundo das existências”, “mas o mundo das essências”, um mundo “sempre de futuro e nunca de passado”;<sup>97</sup> ou, qual Vieira, sejam capazes de propalar “o Reino da irmandade, da compreensão, da cooperação” que, se estendido ao universo, seria a certeza de que, algum dia, poderíamos aceder “ao Reino de Deus”. Assim sendo, “Portugal estaria em qualquer parte do mundo em que estivesse um português pensando à maneira portuguesa”.<sup>98</sup>

Lisboa, Novembro de 2006

## Anexo I

### *Cadernos de Agostinho da Silva*

*À Volta do Mundo, Coleção de Textos para a Mocidade*, Lisboa, Seara Nova.

– 1938 - *A vida dos Esquimaus; Piccard na estratosfera; Os castores; Vida e morte de Sócrates.*

– 1939-*A última viagem de Scott; As aranhas.*

*À Volta do Mundo, Textos para a Juventude*, Lisboa, s/d.

– (1943?) 1ª Série - *Vida das enguias; Como se faz um túnel; História dos comboios; Aventuras com tubarões; O sábio Confúcio; Viagem à Lua.*

– (1943) 2ª Série - *Os primeiros aviões.*

Títulos anunciados, mas não publicados:

da 2ª Série - *Como se faz um jornal; Maravilhas das vespas; Um vôo sobre o gelo; Os ninhos das aves; A Odisseia.*

3ª Série - *Os peles-vermelhas; D. Quixote; Como se faz uma ponte; Os pinguins; Experiências de química; Os faróis.*

4ª Série: *História dos vapores; Os mamutes gelados; Como se faz uma estrada; Barracas de campo; Histórias de cães; Hiawatha.*

*Iniciação, Cadernos de Informação Cultural*, Edição do Autor, Lisboa.

–1940. 1ª Série – *A primeira volta ao mundo;*<sup>99</sup> *Breve história do linho;*<sup>100</sup> *Edison;*<sup>101</sup> *A vida e arte de Goya;*<sup>102</sup> *Uma ascensão nos Himalaias;*<sup>103</sup> *O pensamento de Epicuro.*

2ª Série. *O planeta Marte; A vida de Lesseps;*<sup>104</sup> *Por três ovos de pinguim;*<sup>105</sup> *A arte pré-histórica;*<sup>106</sup> *O budismo;*<sup>107</sup> *História dos Estados Unidos*<sup>108</sup>.

3ª Série. *O petróleo;*<sup>109</sup> *A vida e a arte de Van Gogh;*<sup>110</sup> *O Saará; A vida de Pierre Curie;*<sup>111</sup> *As escolas de Winnetka;*<sup>112</sup> *História da Holanda*<sup>113</sup>.

–1941. 4ª Série. *A vida e a arte de Ticiano;*<sup>114</sup> *O gás;*<sup>115</sup> *As viagens de Colombo;*<sup>116</sup> *O estoicismo;*<sup>117</sup> *Mozart; O mundo dos micróbios.*

5ª Série. *A vida de Masaryk;*<sup>118</sup> *O ferro; História do Egipto antigo; A cultura grega.*

–1942. 5ª Série. *As viagens de Stanley;*<sup>119</sup> *A Reforma*<sup>120</sup>.

6ª Série. *O transformismo; A vida de Florence Nightingale;*<sup>121</sup> *O islamismo;*<sup>122</sup> *As abelhas; A vida e a arte de Cellini; Literatura latina.*

7ª Série. *A vida de Nansen; O plano Dalton; As cooperativas; O sol; Goethe*;<sup>123</sup> *O cristianismo*<sup>124</sup>.

8ª Série. *Beethoven; Literatura Russa; Filosofia pré-socrática; Alexandre Herculano*;<sup>125</sup> *A hulha; A vida e a arte de Courbet*.

9ª Série. *Alimentação humana*.

–1942. 9ª Série. *Sócrates; A vida e a arte de Rembrandt; Apicultura; História do Japão*.

–1943. 9ª Série. *As viagens de Livingstone*<sup>126</sup>.

10ª Série *A vida de Vivekananda; As estrelas; História do veleiro; O sistema nervoso*;

–1944. 9ª Série. *Literatura portuguesa*;<sup>127</sup> *Os motores de explosão*.

11ª Série. *William Morris*.

–1946. 11ª Série. *Platão*.

–1947. 11ª Série. *Arte egípcia; Bach*.

*Antologia, Introdução aos grandes autores*. Lisboa, Edição do Autor: Agostinho da Silva. 1941-1947:

– 1941. 1ª Série. *Voltaire, Diálogos filosóficos; Arriano, Manual de Epicuro; Tolstoi, A terra de que precisa um homem; Santa Teresa, Fundação de S. José; Damião de Góis, Descobrimientos dos Portugueses; Cervantes, D. Quixote e Sancho*.

2ª Série. *Ruskin, Vós, os que julgais a terra; Ganivet, A arte espanhola; Tchekov, Um caso médico; Buffon, História natural; Fernão Lopes, A revolução de Lisboa; Dostoievsky, O grande inquisidor*.

3ª Série. *Erasmus, Colóquios; Lamarck, Filosofia zoológica; Mérimée, Mateo Falcone*.

– 1942. *Heródoto, Viagem ao Egipto; Flaubert, Cartago; Frei Luís de Sousa, Austeridade do Arcebispo*.

4ª Série. *Harvey, A circulação do sangue; Lichnowsky, Portugal em 1842; Guizot, A civilização feudal; Diogo do Couto, Negócios da Índia; Maupassant, O adereço Mateo Alemán, O pai de Guzmán*.

5ª Série. *Condorcet, Progressos do espírito humano; Lermontov, Taman; Marco Aurélio, Pensamentos; Faraday, Experiências de electricidade; Stendhal, Waterloo; Azurara, Empresas do Infante*.

6ª Série. *Fénelon, Diálogos dos mortos*.

– 1943. *Bacon, Ensaios; Andreiev, Silêncio; Maomet, Suratas de Meca; Walt Whitman, Fôlhas de erva; Petrónio, Banquete de Trimalcião*.

– (s/d). 7ª Série. *Victor Hugo, Gauvain e Cimourdain; Edgar Poe, Des-*

*cida ao Maelstroem*; Montaigne, *Do arrependimento*; Franklin, *Autobiografia*; Platão, *Teoria do Amor*; Dickens, *Copperfield na escola*.

– (s/d). 8ª Série. Joaquim Costa, *Ideário espanhol*; Swift, *No país dos cavalos*; Claude Bernard, *Observação e experiência*; Larra, *Quadros e costumes*; More, *Utopia*; Molière, *Tartufo*.

– 1946. 9ª Série. Rodó, *Juventude*.

– 1947. Lucrécio, *Da natureza*; Emerson, *Confiança*.

## Anexo II

### *Biografias de Agostinho da Silva*

*In Textos Pedagógicos I*. Coordenação de Paulo Alexandre Esteves Borges, selecção, organização e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota, Lisboa, Âncora Editora, 2000; Lisboa, Círculo de Leitores, 2002:

– *Miguel de Eyquem, Senhor de Montaigne*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

– de João Henrique Pestalozzi em: *A vida de Pestalozzi*. Lisboa, CADERNOS Seara Nova, 1938.

– de Maria Montessori, in *O Método Montessori*, Lisboa, Inquérito, 1939.

– de Carleton Washburne in *As Escolas de Winnetka*. «‘Iniciação’, CADERNOS de Informação Cultural», Edição do Autor, Lisboa, 3ª Série, 1940.

– de Sanderson em: *Sanderson e a escola de Oundle*, Lisboa, Inquérito, 1941.

*In Textos Pedagógicos II*. Coordenação de Paulo Alexandre Esteves Borges, selecção, organização e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota, Lisboa, Âncora Editora, 2000; Lisboa, Círculo de Leitores, 2002:

– *Baden-Powell, pedagogia e personalidade*. «Bandeirantes», revista para Chefes, 6º número de 1961.

*In Biografias I*. Coordenação de Paulo Alexandre Esteves Borges, selecção, organização e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota, Lisboa, Âncora Editora e Círculo de Leitores, 2003:

– *A Vida de Francisco de Assis*. Lisboa, Seara Nova, 1938.

– *Vida de Zola*. Ed. do Autor, 1942.

- *Vida de Pasteur*. Famalicão, ed. do Autor, s/d.
- *Vida de Lincoln*. Lisboa, Seara Nova, 1938.
- *Vida de Moisés*. Lisboa, Seara Nova, 1938.

*In Biografias II*. Coordenação de Paulo Alexandre Esteves Borges, selecção, organização e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota, Lisboa, Âncora Editora e Círculo de Leitores, 2003:

- *A Vida de Washington*. Lisboa, Inquérito, s/d.
- *Vida de Robert Owen*. Edição do Autor, 1941.
- *Vida de Franklin*. Edição do Autor, 1942.
- *Vida de Miguel Ângelo*. Edição do Autor, 1942.

*In Biografias III*. Coordenação de Paulo Alexandre Esteves Borges, selecção, organização e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota, Lisboa, Âncora Editora e Círculo de Leitores, 2003:

- *Vida de Laménais*. Famalicão, Edição do Autor, 1943.
- *Vida de Leopardi*. Edição do Autor, 1944.
- *Vida de Leonardo da Vinci*. Edição do Autor, s/d.
- *Vida de William Penn*. Edição do Autor, 1946.

*In À Volta do Mundo, Colecção de Textos para a Mocidade*, Lisboa, Seara Nova, 1938-1939:

- *Piccard na estratosfera*, 1938.
- *Vida e morte de Sócrates*, 1938.
- *A última viagem de Scott*, 1939.

*In À Volta do Mundo, Textos para a Juventude*, Edição de Autor, Lisboa, 1943?

- *O sábio Confúcio*, 1943 (?)

*In Iniciação, Cadernos de Informação Cultural*, Edição do Autor, Lisboa, 1940-1947

– Biografias de Edison, Goya, Epicuro, Lesseps, Van Gogh, Pierre Curie, Carleton Washburne, Ticiano, Mozart, Masaryk, Stanley, Florence Nightingale, Cellini, Nansen, Ellen Parkhurst, Goethe, Beethoven, Alexandre Herculano, Courbet, Sócrates, Rembrandt, Livingstone, Vivekananda, William Morris, Platão e Bach,

Na imprensa:

– Biografia de Miss Helen Parkhurst, *in O Diabo*, nº 250, 08-07-1939 sob o título “O Plano de Dalton”.

– Biografia de Grundtvig, intitulada “As Altas Escolas Populares da Dinamarca”, *in: O Diabo*, nº 268, 11-09-1939.

– Biografia de “Demóstenes”, *in O Diabo*, nº 270, 25-11-1939.

– Biografia de Hermann Lietz, intitulada “As Escolas de Lietz”, *in O Diabo*, nº 272, 09-12-1939.

– Biografia de Ivan Illich, intitulada “Ivan Illich – Os Males” e “Ivan Illich – Os Remédios”, *in Vida Mundial*, 19-05-1972 ; *idem*, 26-05-1972.

– Biografia de Michael Duane em “A Escola de Risinghill – 1. Quem propõe” e “A Escola de Risinghill – 2. Quem Supõe”, *idem, ibidem*, 07-07-1972 e 14-07-1972.

– Biografia de Comenius, em “Os precursores – Komensky”, *idem*, 04-08-1972.

– Biografia de Sérgio, em “Educadores portugueses – António Sérgio”, *idem*, 18-08-1972.

– Apontamento biográfico sobre Casais Monteiro, *idem*, 22-09-1972.

## Notas

1 Mencionemos apenas alguns títulos de artigos saídos à estampa na época de estudante da Faculdade de Letras e antes do fim da sua licenciatura, de teor polemizante e provocatório, contudo de irrepreensível qualidade, que chamaram a atenção pública: *Acção Académica*, 22 de Julho de 1926, p. 3; “A Política do Porto Académico”. *Porto Académico*, 15 de Março de 1927, pp.1-2; “O Pensamento Académico”. *A Voz*, 24 de Maio de 1927, p.3; “O Pensamento da Nova Geração”. *Idéia Nacional*, 25 de Maio de 1927. p.1; “Carta aos Velhos Latinistas”. *Seara Nova*, 18 de Outubro de 1928, pp. 246-247, a par de outros que espantam o mundo académico pela juventude do seu autor: “O Futurismo I - O Mal” e “O Futurismo II - O Remédio”. *Acção Académica*, nº? (1925/26(?)); as famosas “Nota Filológica sobre o verbo “trabalhar” sobre a palavra “doido”, sobre a palavra “nojo”, respectivamente, *A Águia*, nºs 49-54 e 55-57, Porto, 3ª série, 1927; “Satura”, *Ibid.*, nºs 60 (Porto, Out-Dez 1927), ou jul-out. para a “Satura II”; “Sobre algumas páginas de Spengler”, *Diónyssos*, nºs 1-2, 4ª Série, Porto, 1928.

2 Tese sobre Catulo, que mereceu a nota máxima. Cf. *Catulo, Poesias*. Texto estabelecido e traduzido por Agostinho da Silva. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933. Este trabalho dará origem a acérrima polémica com Alfredo Pimenta. Cf, sobre o assunto, a série de cartas com ele trocadas na *Seara Nova*, *in: «Carta(s) ao Ex.º Senhor Doutor Alfredo Pimenta», in: AGOSTINHO DA SILVA, Estudos sobre Cultura Clássica*, Lisboa, Âncora Editora, e Círculo de Leitores, 2002, pp. 271-294. Critério de edição e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges. Cf., igualmente, a propósito, as suas memórias sobre esta questão em: *Vida Conversável*, Brasília, Universidade de Brasília, 1994, e Assirio & Alvim, 2ª edição, 1998, pp.22-23.

3 SILVA, Agostinho da, *Estudos sobre Cultura Clássica, op. cit.* pp. 45-110.

4 Contrapondo as teses de Spengler, que defende a ausência de consciência temporal e histórica nos gregos e romanos, em *A Religião Grega* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930, p. 130), defende Agostinho que “dos

gregos veio tudo o que hoje faz belo o catolicismo”, deles provindo “a saudade de reencontrar essa Grécia divina onde se adoravam, sobre todos os deuses, a Beleza e a Vida”. Anos mais tarde, já no Brasil – onde traduz, por volta de 1946/47, as peças de Plauto e Terêncio *Anfitrião, Os Cativos, Os Adelfos, Aululária, O Gorgulho, O Eunuco*. (Clássicos de Ouro, Edições de Ouro, Brasil, s/d.) – demonstra, em «A Comédia Latina» (*Estudos sobre Cultura Clássica, op. cit.* pp.301-318), prefácio às traduções, que está já consciente dos limites das culturas das civilizações clássicas, interpretando a tradição mítica da Idade do Ouro e transpondo-a, ao longo da vida, para a sua teoria do culto do Espírito Santo.

5 «Glossas I, II e III», Lisboa, Seara Nova, 1934, publicada em edição aumentada em «Glossas», Famliação, edição do Autor, 1945, constante de AGOSTINHO DA SILVA, *Textos e Ensaios Filosóficos I, op. cit.*

6 Esta obra terá continuidade em *Considerações*, datada de 1944, publicada já aquando da sua estada no Brasil.

7 Modelo igualmente seguido por Agostinho tanto nas aulas peripatéticas que deu, nos anos 40, e são lembradas por alunos como Mário Soares ou Lagoa Henriques, como nas *Palestras Radiofónicas* para jovens que profere na Rádio Hertz em 1939, integradas nas actividades do «Núcleo Antero de Quental», ou na Biografia de «Baden Powell, Pedagogia e personalidade» (*Textos Pedagógicos II*, Lisboa, Ancora Editora e Círculo de Leitores, 2000. Coordenação geral de Paulo Alexandre Esteves Borges. Selecção, estudo introdutório e organização de Helena Maria Briosa e Mota), entre tantos outros exemplos.

8 Quando digo “mais um heterónimo”, refiro-o em consciência, dado ser marcante, desde os seus jovens anos, o pessoano “ser tudo e de todas as maneiras”, assumido em sujeitos vários que, fora de uma única entidade, transcendem o sujeito e se manifestam, lúdica e gostosamente, em várias personalidades. E será também desta forma, conscientemente assumida, que Agostinho poderá ser «poeta à solta», nos múltiplos heterónimos que cria.

9 Dec. - Lei nº 1.901 de 1935.

10 Processo PVDE- PIDE/DGS SR 1161, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

11 Estudos sobre Frei Luís de Leão, São João da Cruz e Santa Teresa. “...mais que todos, Santa Teresa.” Entrevista do ICALP ao Prof. Agostinho da Silva. In: *Dispersos*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Organização e introdução de Paulo Alexandre Esteves Borges. 1ª edição, 1988, p. 84.

12 CORTESÃO, Luísa, in: *Agostinho da Silva, um pensamento vivo*, Documentário de João Rodrigo Mattos em formato DVD, Alfândega Filmes, Porto, 2006 e, no mesmo formato, editado pela RTP, *O Público*, Alfândega Filmes e Associação Agostinho da Silva. Edição Especial para o Jornal *O Público*, 2006.

13 Sobre os objectivos e o trabalho desenvolvido por Agostinho da Silva em Portugal, no âmbito da divulgação cultural em geral e do «Núcleo Pedagógico Antero de Quental», em concreto, cf. BRIOSA E MOTA, Helena Maria, «Introdução» a *Textos Pedagógicos I*, Lisboa, Ancora Editora, 2000, pp. 13-36.

14 O último censo da população portuguesa realizado na década de 30 revela que, no seio dos 6.825.883 habitantes, existiam 4.627.988 analfabetos. Sobre esta realidade preocupante pronuncia-se a Câmara Corporativa, declarando que “o problema apresenta-se com carácter de acuidade e exige não apenas a acção urgente dos poderes públicos, mas o interesse de toda a Nação. Encontramo-nos em presença – segundo as estatísticas – de 750.000 crianças em idade escolar, de que só poucas mais de 200.000 sabem ler; de 480.000 crianças em condições de pré-escolaridade, a que não podemos oferecer a necessária assistência educativa e infantil; de considerável percentagem de iletrados adolescentes e adultos, que não só a deficiência da rede escolar, mas determinadas circunstâncias de ordem económica e social – mormente no que respeita às populações rurais – têm excluído dos benefícios da educação, e dos quais cerca de 800.000 ainda estão em idade de aprender”. Cf. «Parecer» da Câmara Corporativa publicado no jornal *Sol Nascente*, nº 39, 15 de Outubro de 1939, p. 4.

15 Nascido com o propósito de “dar conteúdo renovador e profundo à revolução republicana” (Jaime Cortesão), a partir das reuniões de 1911 o Movimento da *Renasença Portuguesa* passa a ter como desígnio “promover a maior cultura do povo português por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.” ou, no sentir de Pascoaes, um dos seus principais mentores, “revelar a alma lusitana, integrá-la nas suas

qualidades essenciais e originárias” (carta a Unamuno). Tendo como porta-voz as revistas *A Águia* e *Vida Portuguesa*, os seus mais brilhantes colaboradores (Pascoaes, Cortesão, Leonardo Coimbra, Raul Proença, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, entre muitos) proferem lições na Universidade Popular, dinamizando a ideia de criar, no Porto, a Faculdade de Letras. A partir de 1912 começam as tensões e desacordos internos. Se Pessoa e Sá-Carneiro se afastam, em sinal de desacordo com a linha saudosista, decididos a actualizar a poesia e a colocá-la em consonância com o que se fazia além-fronteiras, no plano ideológico o racionalismo considerado “realista” de António Sérgio e Raul Proença entra em choque e conflito com o idealismo poético e tradicionalista de Pascoes. E em Outubro de 1912, no nº 10 de *A Águia*, a reacção de Pascoes surge, lamentando que “alguns novos, dotados das mais belas faculdades de inteligência e coração” discordem do Saudosismo, doutrina que, sublinha, “não é inimiga dos progressos realizados lá fora”. Entre 1913 e o ano seguinte, na mesma revista (nºs 22-31) a polémica entre Sérgio e Pascoes atinge o rubro com a defesa, por um (Pascoes), da mitogenia, da exaltação da alma, da fé messiânica, do neo-romantismo, e por outro (Sérgio), bem mais aguerrido na forma e na argumentação, a defesa e valorização da mente prática, do económico, do progresso técnico, da europeização. A publicação de *A Águia* estende-se até 1932, sob o pontificado de Pascoes e Leonardo Coimbra, tendo o ideário da Renascença continuidade na revista *Portucale* (1928). A partir de 1980 o ideário é retomado com o ressurgimento da «Nova Renascença». Cf. SANTOS, Alfredo Ribeiro, *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural portuense*. Porto, 1990.

16 A 15 de Outubro de 1921 a revista *Seara Nova* nasce como “revista de doutrina e crítica” pela mão de um considerável grupo de republicanos inconformados com a instabilidade político-social da I República (Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Câmara Reis, Faria de Vasconcelos, José de Azeredo Perdigão, Raul Brandão e Raul Proença). Democratas e liberais, os fundadores preconizavam o papel das elites no debate de ideias, condenando a falta de cidadania dos intelectuais, cegos aos problemas nacionais. Dissidentes da *Renascença* e colaboradores da *Águia* (Augusto Casimiro, Jaime Cortesão) juntam-se ao grupo redactorial, contribuindo para as notáveis páginas de polémica e de pedagogia política. A revista ultrapassa o limite temporal do 25 de Abril de 1974, altura em que é dominada pelo PCP (Partido Comunista Português). Passa depois a publicar irregularmente, até que se extingue. Cf. PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária do séc. XX (1941-1974)*, vol. II, 2 t., Lisboa, 2000.

17 Como exemplo desta afirmação podemos citar as polémicas em que se envolveu com o Padre Raul Machado, Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; ou com a Academia, na pessoa de Alfredo Pimenta, ou a que travou acerca do folheto *Cristianismo* e do *caderno* «A Doutrina Cristã» (Jornais *O Almonda, Sol Nascente, Acção*), que culmina com um pedido expresso na imprensa, subscrito por alguns articulistas, de excomunhão.

18 Sobre o trabalho de divulgação cultural empreendido por Agostinho nesta época, cf. BRIOSA e MOTA, Helena Maria, “Critério de Organização da Série «Textos Pedagógicos», in: Agostinho da Silva, *Textos Pedagógicos I*, Lisboa, Âncora Editora, 2000, pp. 7 a 12.

19 Cf. Anexo I.

20 Cf. Anexo II.

21 Sobre a fundação, a acção e os objectivos do *Núcleo Pedagógico de Antero de Quental*, cf. a “Introdução” a *Textos Pedagógicos I*, de Agostinho da Silva, Lisboa, Âncora Editora, pp. 13 a 22. Organização de Helena Maria Briosa e Mota.

22 «Literatura Infantil», *Ideia nacional*, 7 de Junho de 1927, in SILVA, Agostinho da, *Ensaio sobre Cultura e Literatura Luso-Brasileira*, Lisboa, Âncora Editora, 2000, e Círculo de Leitores, 2002, pp. 167-169. Organização e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

23 Cf. Listagem no final do presente trabalho.

24 Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, doravante designada de LBSE.

25 Considerando a extensão dos títulos e a tradução de muitos *cadernos* em esperanto, listá-los-emos no final deste trabalho.

26 Esta foi uma das épocas em que Agostinho da Silva mais precariamente viveu: irradiado da função pública

e a seguir do ensino particular, vivendo de explicações, poderia ter retirado dessas edições algum fundo de subsistência. Analisando, contudo, não apenas a sua correspondência, bem como o processo da PIDE, vemos que grande parte do pouco dinheiro que lhe era pago pela venda dos *Cadernos* ia, em regra, parar aos bolsos dos agentes que lhe espionavam a correspondência.

27 Cf. texto de apresentação dos *Cadernos*.

28 *Vitória para a Quinta Classe, 1970/71 (?)*, *Dispersos, op. cit.*, p. 464.

29 Tradutor – mas também, e sobretudo, recriador – da poesia dos clássicos gregos e latinos como Catulo, Plátão, Aristófanes, Horácio, Virgílio, Lucrecio, Salústio (*Obras Completas*, 1974), Sófocles, Tácito (*Obras Completas*, 1974), ou Voltaire, Montaigne, Bacon, Rilke, Silesius e Cavafis, ou ainda Lao Tsé e Libai, entre tantos, Agostinho dedica-se, igualmente, à crítica literária (Stendhal e Mérimée).

30 1\$00 é o preço avulso, 5\$50 a série de seis *Cadernos*, incluindo portes e despesas de cobrança.

31 Considerando a extensão dos títulos e a tradução de muitos *Cadernos* em esperanto, listá-los-emos no final deste trabalho.

32 Todas estas obras estão compiladas em *Textos e Ensaios Filosóficos I*.

33 SILVA, Agostinho da, *Literatura Portuguesa*. «Iniciação, Cadernos de Informação Cultural», 10ª Série, 1944. Lisboa, Edição do Autor.

34 “...antes de tudo se é cidadão e só depois erudito professor” (p.192). “... os intelectuais devem fazer política, mas intelectualmente; eles devem constituir aquela força de crítica vigilante que todos os governos temem... (p.193); Intervir na política é defender a dignidade pessoal no que ela tem de mais sagrado e inatingível...é lavar o protesto mais caloroso e mais veemente contra certos atropelos de liberdade de expressão, gritar bem alto a vontade de ser homem e não coisa que se manja segundo o capricho dos que têm força” (p. 195). SILVA, Agostinho da, «Actividade política dos intelectuais portugueses», in *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa. Âncora Editora, 2000, e Círculo de Leitores, 2002, p. 192 Organização e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

35 “A literatura moderna [tem] de esclarecer, de educar, de elevar esse mesmo povo a que [vai] buscar fundamentos; dev[e] ser, numa palavra, uma literatura pedagógica, sobretudo pelo romance e pelo drama; [...] uma literatura para o povo, uma literatura forte, substancial, tonificante; situações, linguagem, tudo devia ser simples para o povo entender e para que o povo gostasse; por intermédio dele seria possível levantar os portugueses ao nível necessário para que a revolução cultural e política se firmasse e pudesse avançar.” in Prefácio de Agostinho da Silva a GARRETT, Almeida, *Doutrinas de Estética Literária*, Lisboa, Gráfica Lisbonense, 1938, p. 20.

36 «Quinze Princípios Portugueses» *Espiral*, nº 8-9, Inverso de 1965, in SILVA, Agostinho da, *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa. Âncora Editora, 2000 e Círculo de Leitores, 2002, pp. 217-229. Organização e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

37 GARRETT, Almeida, *Doutrinas de Estética Literária*, Seara Nova, Lisboa, 1938. Prefácio de Agostinho da Silva. in SILVA, Agostinho da, *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa. Âncora Editora, 2000, e Círculo de Leitores, 2002, pp. 217-229. Organização e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

38 SILVA, Agostinho da, «Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa». Brasil, Ministério da Educação e Cultura, 1957. in SILVA, Agostinho da, *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa. Âncora Editora, 2000 e Círculo de Leitores, 2002, pp. 75-77. Organização e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

39 SILVA, Agostinho da. Prefácio a «Eça, discípulo de Machado?», de Alberto Machado da Rosa, Brasil, Biblioteca do Fundo Universal de Cultura, 1963; Lisboa, Editorial Presença, 1964; 1979. in *Ensaios sobre Cultura e Literatura Luso-Brasileira*, Lisboa, Âncora Editora, 2000 e Círculo de Leitores, 2002, pp. 265-273. Organização e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

40 PESSOA, Fernando, *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Abril 1957-1960.

41 Para além das *Biografias* publicadas nos *Cadernos «Iniciação»*, cf. SILVA, A., *Biografias I, II, III*, Lisboa, Âncora Editora e Círculo de Leitores, 2003. Coordenação geral de Paulo Alexandre Esteves Borges. Selecção, estudo introdutório e organização de Helena Maria Briosa e Mota. Haverá, para os interessados no seu estudo, que consultar a listagem no final do presente trabalho.

42 Utilizamos o termo “Axiologia” e seus derivados como sinónimo de “teoria ou filosofia pura do valor e das atitudes e posições valorativas”, assumindo para o efeito a concepção e a teorização de PATRÍCIO, M., expressa em *Lições de Axiologia Educacional*, Lisboa, Universidade Aberta, 1993, p. 19.

43 Agostinho da Silva, *Vida de Zola*, Lisboa, Seara Nova, 1939, p.107.

44 *idem*, p.108.

45 *idem*, p.112.

46 “O que conselho à nossa juventude (...) é que queiram ser aquilo que são, sem dizer que coisa é que são e que até se o não souberem, que vão sendo, que vão fazendo (*tendo?*) as suas experiências, pois estas pelo menos lhes poderão mostrar aquilo que não são. E façam o favor de se não deixar ter pelos outros, e façam o favor de se não ter a si próprios! Três coisas com o verbo ter, que é o nosso grande inimigo!. Agostinho da Silva em entrevista inédita a Francisco da Palma Dias, realizada na Primavera de 1987. in *Agostinho*, AAVV. Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, São Paulo. Coordenação de Rodrigo Leal Rodrigues. Editora Green Forest do Brasil, 2000, p. 166.

47 GOMES, Pinharanda, Nótula referente a SILVA (Agostinho da). in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Edição Século XXI*. Editorial Verbo, Lisboa — São Paulo, 1999, pp. 1156-7.

48 Universidade Federal da Paraíba (1951/52); Universidade de Santa Catarina (1955); Universidade de Goiás e Universidade de Brasília (1961); (Silva, 1988, 1.ed. pp. 23-24).

49 *Sociedade de Ciências Naturais da Paraíba* (1953); *Departamento de Pesquisas Históricas do Itamarati* (1954); *Sociedade de Cultura Francesa, Sociedade de Cultura Alemã, Instituto de Cultura Norte-Americana, Casa de Cultura*, todos em Santa Catarina (1957); *Centro de Pesquisa Oceanográfica de Santa Catarina* (1958); *Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia* (1959); *Núcleo de Pesquisas «Casa Reitor Edgard Santos»* na região do Recôncavo Baiano (1966); *Centro Internacional de Estudos Superiores de Rivera e Livramento* (1966); *Estudos Gerais Livres* (1969), com o Professor Manuel Viegas Guerreiro, em Lisboa; *Centro de Estudos da América Latina* do Instituto de Relações Internacionais da Universidade Técnica de Lisboa; *Gabinete de Apoio* do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa do Ministério da Educação (1983).

50 *Comissão de Estudos Ibéricos* (Mato Grosso); *Comissão de Estudos Europeus* (Paraná); *Comissão Nacional de Luta contra o Analfabetismo* (Lisboa).

51 *Centro de Estudos Filológicos* da Universidade de Lisboa (1931), actualmente «Centro de Linguística» da Universidade Clássica de Lisboa; *Centro de Estudos Filológicos* (Univ. de Santa Catarina) 1955; *Núcleo de Estudos Portugueses* (Univ. de Santa Catarina) 1955; *Centro de Estudos Afro-Orientais* da Universidade da Bahia (1959); *Centro de Estudos Brasileiros do Lobito*, Angola (1960); *Centro de Estudos Brasileiros em Lourenço Marques*, Moçambique (1960); *Centro de Estudos Brasileiros em Tóquio*, Japão (1960); *Centro de Estudos Brasileiros* da Universidade Federal de Goiás (1961); *Centro de Estudos Latino-Americanos* da Universidade do Rio Grande do Sul (1961); *Centro Brasileiro de Estudos Portugueses* da Universidade de Brasília (1962); *Comissão de Estudos Ibéricos* da Universidade de Mato Grosso; *Centro de Estudos Portugueses* da Universidade do Paraná; *Centro de Estudos Brasileiros* da Universidade de Sophia, Tóquio, Japão (1963); *Centro de Estudos Brasileiros em Adis-Abeba* (1966) entre outras iniciativas (SILVA, Agostinho da, 1988, 1ª.ed. pp. 23-24 e pesquisa biográfica empreendida pela autora do presente estudo).

52 SILVA, Agostinho da, “Desconhecidos, quase”. *Vida Mundial*, 12 de Novembro de 1971, p. 27.

53 SILVA, Agostinho da, “Barca D’Alva, Educação do Quinto Império”, *ibidem*, p. 484.

54 *Op. cit.* Cf. Nota 38.

55 A terra era produtiva, os caudais de água forneciam irrigação, energia e riqueza, a indústria floresceria desde que a economia o propiciasse e justiça social existisse. Faltava ainda, quanto a Agostinho, que se implementasse uma efectiva reforma agrária “para sanar os dois grandes males, o do minifúndio do Norte e o do latifúndio do Sul.” SILVA, Agostinho da, *Reflexão...*, p. 80.

56 *Idem*, p. 79.

57 *Idem, ibidem*, p.80.

58 «Glossas», Famalicão, edição do Autor, 1945 (reedição aumentada de *Glossas I, II e III*, Lisboa, *Seara Nova*, 1934), in AGOSTINHO DA SILVA, *Textos e Ensaios Filosóficos I, op. cit.*, pp. 31-66.

59 «Considerações», Famalicão, edição do Autor, 1944 constante de AGOSTINHO DA SILVA, *Textos e Ensaios Filosóficos I, op. cit.*, pp.83-121.

60 SILVA, Agostinho da, *Do Agostinho em Torno do Pessoa*, 1990, Lisboa, Ulmeiro, p.7.

61 SILVA, Agostinho da, «Um Fernando Pessoa». Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1959, in *Ensaios sobre Cultura e Literatura Luso-Brasileira*, Lisboa, Âncora Editora, 2000, e Círculo de Leitores, 2002, pp. 89-117. Organização e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

62 Entrevista a Lurdes Féria, *Diário de Lisboa*, 19 de Abril de 1986. in *Dispersos, op. cit.*, p. 113.

63 Este poderia facilmente ser entendido como mais um dos retratos de Agostinho, pela analogia que faz com o exemplo do “amado” que, para se auto-elevar, tem de ultrapassar todas as dificuldades que a vida lhe apresenta.

64 Porque se todos podemos dizer muito de cada um dos seus heterónimos (em concreto, sobre Ricardo Reis, Alberto Caeiro ou Álvaro de Campos, que Agostinho estuda em capítulo próprio), de Pessoa, ele-próprio, “nada posso dizer, nem sequer se se chamou Fernando António Nogueira Pessoa” (*Dispersos, op. cit.*, p. 77). Daí que ache o seu livro incompleto, ao reconhecer que nele faltam, pelo menos, dois capítulos: um, acerca de Pessoa. Que, se o escrevesse, seria composto “só de páginas em branco”. E “outro, sobre o Fernando Pessoa metido num heterónimo de si mesmo” (*Dispersos, idem, ibidem*). Igualmente, sendo a etimologia de Pessoa o *persona* latino, que significa máscara, o poeta recebe um sobrenome que significa «máscara». Do que a máscara encerra, nada se sabe. Do seu exterior, sabe-se que este Fernando se chama também António. António, porque nasceu no dia do Santo, e Fernando, talvez porque o Santo, antes de ser Santo, era Fernando. No seu nome, à partida, existe logo uma duplicidade. O verdadeiro será o Fernando? O António? Ou o Pessoa? “Então poderemos dizer que o santo era Fernando na vida civil, a fonte de onde se tiraram as ideias era do Fernando, que podia ter sido arruaceiro em Lisboa e era um heterónimo do santo franciscano. E era o santo Antoninho com quem a pessoa se diverte bailando e contando histórias das moças com as bilhas quebradas...”. SILVA, Agostinho da, *Vida Conversável, op. cit.*, p. 172. Espanta que Agostinho não tenha nesta conversa referenciado o facto de Pessoa ter ficado em 2º lugar no concurso literário “Prémio Antero de Quental - 1934”, colocado a seguir ao franciscano Vasco Reis (assinará mais tarde Reis Ventura), que ganha o galardão com *A Romaria*, peça teatral em verso, inspirada nas romarias de... Santo António. Cf. REIS, Vasco, *A Romaria*, Edição das «Missões Franciscanas», Braga, 1936, 2ª edição, com carta-prefácio de Alfredo Pimenta.

65 VIEIRA, Padre António, *Livro antepreimeiro da História do Futuro*. Edição crítica de José van den Besselaar, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.

66 SILVA, Agostinho da, «Um Fernando Pessoa». *op. cit.*, p. 91

67 *Op. cit.*, p.117.

68 *Idem, ibidem*, pp.86-87.

69 SILVA, Agostinho da, *Vida Conversável*. Organização e prefácio de Henryk Siewierski. Lisboa, Assírio e Alvim, 1998, p. 167 e sgs.

70 SILVA, Agostinho da, *Reflexão*, p.115.

71 “Comunitarismo agrário que poderia ter sido não só a base real da economia portuguesa, de uma economia

de exploração da terra em que planeamento e liberdade de pensamento se pudessem harmoniosamente unir.” *in Reflexão...*, pp. 69-70.

72 Ser o que na realidade cada um é, sem coacções, em liberdade de que o espírito necessita para se realizar – liberdade de cultura, liberdade de pensar e de livremente se expressar, em liberdade económica.

73 SILVA, Agostinho da, *Reflexão...*, op. cit., p.36.

74 *Idem*, p. II 6.

75 SILVA, Agostinho da, *Reflexão...*, op.cit., p.87,

76 *Idem*, p. 84

77 Alguns dos heterónimos de Agostinho da Silva: José Kertchy Navarro, o portuense mentor do jovem das *Sete Cartas a um jovem Filósofo*, que nos encanta pela “energia de imaginação”, pelo “faulhar de imagens” que pareciam inesgotáveis ; o tenente-coronel António Augusto Botelho Mourão, colega de Agostinho no Liceu Rodrigues de Freitas, colocado em Timor, tradutor de *O Sonho de Cipião*, de Cícero, e acérrimo crítico da obra agostiniana; o aviador inglês George Bryan de Mallard aguardando no Baleal regresso ao Reino Unido de submarino; J.J. Conceição da Rocha, estudante em Paris, como Agostinho, brasileiro, latinista de paixão, tradutor de Tácito; Caio Porfírio Martins Rodrigues, ou Caio M.R., nascido em Verdclosa, Bragança, tradutor da *Balada de Amor e Morte do Alferes Cristóvão Rilke*, a quem Agostinho marca a data de 3 de Abril como de seu nascimento, dia em que, curiosamente, o Mestre partirá fisicamente do nosso convívio; Mateus-Maria Guadalupe, o poético tenente-aviador que gostava de insectos, traduzia e pesquisava medicina. Tem três defeitos graves : trabalha muito, é demasiado persistente e não admite que a existência possa ter várias metas, ou nenhuma; o Professor Arnold R. Middlebee, oficial australiano com raízes nos Açores, ligado à resistência timorense, que dá valor à acção portuguesa no mundo; Gerdas Urutu, o ensimesmado amante de tequilha, brasileiro de Corumbá; Jose Maria Carriedo, professor de espanhol em Kobe, no Japão onde, qual Venceslau de Moraes, permanece durante quase toda a vida. Ou Jurandy de tão curta vida, com quem o jovem Agostinho brincava no Porto, quem sabe o responsável por aquele desejo, um dia, conhecer o português *de vogais “alongadas”* falado no Brasil; João Cascudo de Moraes, o filósofo farmacêutico “com os pés no chão” que em Figueira de Castelo Rodrigo, de onde é oriundo, “pensa o quotidiano” e “imagina o real” ao percorrer a estrada para Barca d’Alva, local mítico de eleição para Agostinho. Igualmente, Kurt Mueller, o tradutor do *Lisis*, de Platão; José Félix Damatta, tradutor de poesia japonesa e mestre na complexa arte dos haikai; Frei G.H., que na *Vida Mundial* reflecte sobre assuntos africanos e de Goa envia os «Cadernos Teológicos» aos Amigos. Sobre a questão da heteronímia e sobre os pseudónimos assumidos (entre tantos, o jovem poeta e novelista Victor Alberto, (ou GABS, as iniciais do autor) que publica «versos» e sonetos no jornal *O Comércio do Porto*; Marcus, que publica na *Seara*; a professora Palmira Santos que faz as recensões de livros na *Vida Mundial* («Pontes e Fontes para o Futuro», 1969-1970); o engenheiro Paulo Soares que lá escreve, usualmente, os «Apontamentos»; Carlos S. Bicalho (ou Ficalho), grande especialista das matemáticas;), cf. AGOSTINHO DA SILVA, *Vida Conversável*, op. cit., pp. 21-24; sobre a produção dos citados heterónimos, 77. «Folhas Soltas de São Bento e Outras» *in: Textos Vários. Dispersos*, Lisboa, 2003, Âncora Editora e Círculo de Leitores. Critério de edição e estudo introdutório de Paulo Alexandre Esteves Borges.

78 SILVA, Agostinho da. «Herta, Teresinha, Joan. Três novelas ou Memórias de Mateus-Maria Guadalupe». Lisboa, Portugália Editora, 1953. *In Estudos e Obras Literárias*. Lisboa, Âncora Editora, 2002, pp. 73-153; Círculo de Leitores, 2003.

79 SILVA, Agostinho da. «Macaco-Prego». «Lembrança Sul-Americana de Mateus-Maria Guadalupe». Cadernos Sul, Santa Catarina, Brasil, 1956. *In Estudos e Obras Literárias*. Lisboa, Âncora Editora, 2002, pp. 183-235; Círculo de Leitores, 2003.

80 SILVA, Agostinho. «Lembranças Sul-Americanas de Mateus-Maria Guadalupe seguidas de Tumulto Seis e Clara Sombra a das Faias» *in Estudos e Obras Literárias*. Lisboa, Âncora Editora, 2002, pp. 183-235; Círculo de Leitores, 2003.

81 *Conversas Vadias*. Série de treze entrevistas na RTP1. 1990. Reedição do Jornal *O Público*, 100 anos. *A propósito de Agostinho da Silva*. DVD.I a IV. RTP, Público, Alfândega Filmes, Associação Agostinho da Silva, Lisboa, 2006.

- 82 SILVA, Agostinho da. *Herta.*, op.cit., p.88.
- 83 SILVA, Agostinho da. *Dona Rolinha*, op. cit., p. 185.
- 84 *Idem*, p.193.
- 85 *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
- 86 SILVA, Agostinho da, *Quadras Inéditas*. Lisboa, Ulmeiro, 1990.
- 87 Sobre o valor do saber popular, diz Agostinho, por exemplo: “Se alguém tivesse tido o cuidado de coligir os provérbios [acrescentaríamos, sem nos considerarmos abusivos ao espírito com que a reflexão surge: “e a poesia popular”] em que o povo tinha “jogado” todo o seu pensamento, tal saber teria ido engrossar *Sumas* ou estruturar *Discursos do Método*”. Cf. *Reflexão*, op.cit., p. 54.
- 88 SILVA, Agostinho da, *Uns poemas de Agostinho*. Lisboa, Ulmeiro, 1990, 2ª edição.
- 89 Contam-se por muitas centenas as páginas dactilografadas e manuscritas de poesia e recriação poética de Agostinho que se encontram ainda inéditas, em fase de transcrição, organização e estudo. «Projecto de recolha e estudo do espólio de Agostinho da Silva». Centro de Estudos da Associação Agostinho da Silva. Lisboa, com o apoio institucional da Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- 90 Borges, Paulo AE. «Do ‘Nada que é Tudo’. A poesia pensante e mística de Agostinho da Silva» in AAVV. *Agostinho da Silva, um pensamento a descobrir*. Torres Vedras, Cooperativa de Comunicação e Cultura, 2004, pp. 121-156.
- 91 SILVA, Agostinho da, *Vida Conversável*. Organização e prefácio de Henryk Siewierski. Lisboa, Assírio e Alvim, 1998, p. 181.
- 92 *Idem*, p.182.
- 93 SILVA, Agostinho da, «Pensamento à Solta», Textos e Ensaios Filosóficos II, Lisboa, Âncora Editora, 1999, p.149, e Círculo de Leitores, 2002.
- 94 SILVA, Agostinho da, *Reflexão*, op. cit., p.87.
- 95 *Idem*, p.60.
- 96 *Idem, ibidem*, p.54.
- 97 *Ibidem*, p.54.
- 98 *Idem*, p.65.
- 99 *Unua vojaĝo ĉirkaŭ la mondo*. Tradução em esperanto de J. J. Rodrigues. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1947.
- 100 *Skiza historio pri la lino*. Tradução em esperanto de Vergílio Mendes. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 101 *Vivo de Edison*. Tradução em esperanto de José de Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1981.
- 102 *Vivo kaj arto de Goya*. Tradução em esperanto de Vergílio Mendes. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1947.
- 103 *Surgrimpinto en Himalajo*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 104 *Vivo de Lesseps*. Tradução em esperanto de José de Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 105 *Pro tri pingvenaj ovoj*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1948.
- 106 *La prahistoria arto*. Tradução em esperanto de José de Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1947.
- 107 *La Budhismo*. Tradução em esperanto de José de Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1947.
- 108 *Historio de Usono*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1947.

- 109 *La petrolo*. Tradução em esperanto de José de Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 110 *Vivo kaj arto de Van Gogh*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 111 *Vivo de Pierre Curie*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 112 *La lernejoj de Winnetka*. Tradução em esperanto de José de Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 113 *Historio de Nederlando*. Tradução em esperanto de José de Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1948.
- 114 *Vivo kaj arto de Ticiano*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 115 *La lungaso*. Tradução em esperanto de José e Freitas Martins. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 116 *La vojaĝo de Kolumbo*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 117 *La stoikismo*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 118 *Masaryk*. Tradução em esperanto de Eduardo Padrão. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1985.
- 119 *La vojaĝoj de Stanley*. Tradução em esperanto de Eduardo Padrão. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1947.
- 120 *La Reformacio*. Tradução em esperanto de Eduardo Padrão. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1947.
- 121 *Florence Nightingale*. Tradução em esperanto de Eduardo Padrão. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1985.
- 122 *La islamismo*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 123 *Goetho*. Tradução em esperanto de Eduardo Padrão. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1984.
- 124 *La Kristianismo kaj Kristana Doktrino*. Tradução em esperanto de Eduardo Padrão. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1982.
- 125 *Vivo de Alexandre Herculano*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1981.
- 126 *La vojaĝoj de Livingstone*. Tradução em esperanto de Eduardo Padrão. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1983.
- 127 *La Portugala literaturo*. Tradução em esperanto de Manuel de Freitas. Portugala Eldona Rondo. Porto: 1948.

## Resumo

Neste ano de 2006, em que se comemoram cem anos sobre o nascimento de Agostinho da Silva, propomo-nos reflectir sobre a produção literária do autor que, no século XX, ficou conhecido em Portugal pela sua obra de democratização da cultura realizada através da redacção das *Biografias* e dos *Cadernos* de divulgação cultural e, no Brasil, pela fundação de Universidades e Centros de Estudos.

Partindo da análise de algumas obras de Agostinho faremos uma rápida abordagem ao evoluir da Literatura Portuguesa, dando particular atenção a alguns dos autores por ele estudados, a saber: Fernão Lopes, Camões, Padre António Vieira, Almeida Garrett e so-

bretudo Eça de Queiroz e Fernando Pessoa. Abordaremos ainda alguns dos seus ensaios literários, textos de ficção e poesia.

Ao analisar o estilo e prosa de Agostinho veremos de que forma as suas propostas se enquadram na Literatura Portuguesa do século XX e se apresentam como contributo para a compreensão do seu ideário.

**Palavras-chave:** Agostinho da Silva; Portugal; Brasil; Divulgação cultural; Literatura Portuguesa; Eça de Queiroz; Fernando Pessoa; Heterónimos; *Mundo Novo*; Educação para a Cidadania; Esperanto.

## **Abstract**

In this year of 2006, when we celebrate a hundred years of Agostinho da Silva's birth, we propose a reflection about the literary production of an author who became known in the twentieth century in Portugal for working towards cultural democratization achieved through the writing the Biographies and the Booklets of cultural diffusion, and in Brazil for founding Universities and Study Centers.

From the analysis of some of Agostinho da Silva's works we will address briefly the evolution of Portuguese Literature, with special attention to some authors he studied, namely Fernão Lopes, Camões, Father António Vieira, Almeida Garrett, and mainly Eça de Queiroz and Fernando Pessoa. We shall also approach some of his literary essays, fiction texts and poetry.

In the analysis of Agostinho da Silva's style and prose, we shall see how his propositions fit twentieth-century Portuguese Literature and contribute to the understanding of his ideas.

**Keywords:** Agostinho da Silva; Portugal; Brazil; cultural divulgation; Portuguese Literature; Eça de Queiroz; Fernando Pessoa; Heteronym; *New World*; Educational citizenship; Esperanto.